

CIRO DOMINGOS DE OLIVEIRA

AMBIVALÊNCIA, IRONIA E TRADUÇÃO DE
ENTFREMUNG E DE *ENTÄUSSERUNG* NOS
MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS DE MARX

Recebido em 18/04/2025

Aprovado em 10/12/2025

DOI: 10.69585/2595-6892.2026.1257

AMBIVALÊNCIA, IRONIA E TRADUÇÃO DE *ENTFREMUNG* E DE *ENTÄUSSERUNG* NOS MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS DE MARX

Resumo

Este artigo visa elucidar os termos *Entfremdung* e *Entäußerung* em Marx, principalmente no contexto dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, ou apenas *MEFs*. A explicação parte do pressuposto de que o entendimento correto dos significados possíveis que ambos os significantes podem abrigar é peça-chave para a compreensão correta do que eles dizem quando usados em texto, principalmente quando há neles profundidade conceitual. A conclusão é de que as traduções para “alienação” ou “estranhamento” (no caso de *Entfremdung*) e para também “alienação” ou “exteriorização” (no caso de *Entäußerung*) deixaram de perceber um uso ambivalente e também irônico dos termos. Assim, reduziram a crítica interna e ontológica de Marx a uma crítica externa e distante do procedimento comum ao autor. Além disso, tais opções levaram a ultraconceitualizações e outras más interpretações até razoáveis acerca dos termos que mais ajudaram a mistificá-los do que torná-los compreensíveis.

Palavras-chave: alienação; estranhamento; exteriorização; *Manuscritos Econômico-Filosóficos*; tradução

CIRO DOMINGOS
DE OLIVEIRA

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal da Bahia (PPG-CP UFBA).

Email: c.dom.oliveira@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-0664-4331>

Abstract

This article aims to elucidate the terms *Entfremdung* and *Entäußerung* in Marx, primarily within the context of the *Economic and Philosophical Manuscripts* (MEFs, *if in portuguese*). The explanation proceeds from the assumption that a correct understanding of the possible meanings these two signifiers can hold is key to properly grasping what they convey when used in the text, especially when they carry conceptual depth. The conclusion is that translations such as “*alienação*” or “*estranhamento*” (in the case of *Entfremdung*) and “*alienação*” too or “*exteriorização*” (in the case of *Entäußerung*) have failed to perceive an ambivalent and also ironic use of the terms. Consequently, they have reduced Marx’s internal and ontological critique to an external and distant critique, contrary to the author’s usual procedure. Furthermore, such translation choices have led to overconceptualizations and other even reasonable misinterpretations of the terms, which have ultimately contributed more to mystifying them than to making them comprehensible.

Keywords: alienation; estrangement; externalization; Economic and Philosophical Manuscripts; translation

I. Introdução: em traduções conceituais, não se traduzem conceitos, mas *sentidos comuns*

Muito se escreveu, se especulou e se afirmou acerca dos termos polêmicos *Entfremdung* e *Entäußerung*, presentes tanto em Marx como em Hegel e em Lukács. O motivo da polêmica é que sua compreensão depende do entendimento correto de três temas conhecidamente complexos: os textos marxianos em seu devido contexto, a língua alemã e a tradução de textos conceituais. Um erro em apenas uma das pontas desse triângulo pode levar inequivocamente ao equívoco. Acredito que parte inicial do problema é não se compreender direito como funciona um texto conceitual e consequentemente como se deve traduzi-lo.

Exemplifico: quando um eugenista e um antirracista usam o termo “raça”, não estão usando o mesmo conceito; contudo, usam o mesmo termo oferecido pela língua. A principal razão disso é que não há em língua alguma uma palavra capaz de expressar sozinha um *significado mais profundo, conceitual*. A compreensão do conceito é alcançada por mediação do termo escolhido, que expressa um *sentido comum* (isto é, o que “raça” significa em português antes do conceito de “raça” significar qualquer coisa em qualquer teórico), junto ao próprio texto que o envolve. Por isso o termo pode ser o mesmo e ainda assim os conceitos podem ser diferentes. Por isso traduzir os conceitos corretamente quer dizer principalmente traduzir esses *sentidos comuns* escolhidos pelo autor, responsáveis pela mediação para o significado *mais profundo*. O contrário (e frequentemente feito) é ignorar as mediações do *sentido comum* e tentar traduzir diretamente o significado mais profundo. O problema é que a compreensão vem justamente da mediação que foi ignorada. A busca pela fidelidade conceitual por essa via se torna a garantia de seu próprio fracasso.

Tendo isso em vista, credita-se o entendimento correto (e consequentemente a tradução correta) ao processo que assim resumo: 1) entender o que significam os termos (*Entfremdung* e *Entäußerung*) em alemão, para então 2) entender quais *sentidos comuns* foram utilizados e daí 3) chegar à compreensão

correta dos *conceitos* a partir do uso dessas palavras no texto. Apenas de tal maneira é possível reproduzir com a maior fidelidade possível o caminho da compreensão feito na língua original (aqui, o alemão), mas agora na língua-alvo (aqui, o português). Esse sim é o papel do tradutor, a reprodução do *caminho*, não apenas do fim, pois ironicamente só assim se chega de fato ao *fim* almejado.

2. *Entfremdung*: a dúvida se *fremd* quer dizer *alheio* ou *estranho*

Não é nenhum absurdo que se pense nesses problemas de compreensão como meros distanciamentos da língua original. A passagem de uma língua para a outra, se o texto for minimamente complexo, cobra uma parte da mensagem como preço. A conclusão mais imediata (e mais ingênua) é a de que sair da tradução e ir ao original findaria o problema. Porém não. O original às vezes apenas explica por que tanta confusão. É como em um texto com a palavra *manga*. Apenas os demais elementos poderiam dizer se se fala de uma parte da roupa ou de uma fruta. Nada nesse conjunto de letras pode sanar essa dúvida. O caso de *Entfremdung* é similar.

Em primeira instância, seu significado nada mais é do que a substantivação do verbo *entfremden*, cujo sentido é “tornar algo *fremd*” [um adjetivo]. Isso se confirma nos dicionários mais atuais – como o *Duden* (2025d) e o *DWDS* (2025c) – quanto em outros mais próximos à época de Marx – como o *Dicionário dos irmãos Grimm* (2025b). O problema é que *fremd* pode ser *alheio* ou *estranho* e só os demais elementos podem indicar qual. Assim, os que entenderam *Entfremdung* vindo de *fremd-alheio*, optaram por traduzir *Entfremdung* para *alienação*, tornar alheio. Os que entenderam como *fremd-estranho*, fizeram-no para *estranhamento*, tornar estranho. Não há nada no nome *fremd* que bata o martelo.

Para começar os comentários pela escolha de *estranhamento*: há um problema crucial, mesmo que seus defensores estivessem certos, estariam errados. Ainda que *fremd* seja *estranho*, a escolha de *estranhamento* leva a

interpretações inoutragadas pelo termo em alemão. *Entfremdung* nesse caso seria *tornar algo estranho*, mas *estranhamento* não, significa *julgar algo enquanto estranho* (Estranhamento, 2025), completamente distinto.¹ *Estranhar* não possui sentido sequer parecido com o do verbo em alemão.² A sugestão dentro dessa premissa se bifurca: 1) já que inexistente palavra equivalente na língua portuguesa, usar um neologismo: *estranhação*; 2) deixar o sentido do verbo por extenso: *tornar estranho*.

Porém, se a dúvida é anterior, entre *fremd-albeio* (*alienação*) e *fremd-estranho* (*estranhamento* – sic), e não há como recorrer ao termo em alemão para decidir entre um ou outro, devemos observar seu uso em outros contextos para facilitar a compreensão.

Em seu uso mais geral, a opção por *alienação* se mostrará preferível. Os exemplos são os termos *Eltern-Kinder Entfremdung* (literalmente: *alienação pais-crianças*), versão em alemão de *alienação parental* (Toth, 2025); *Entfremdung* também no sentido de *alienação na Psicologia*; (*Entfremdung, Erlebnis*; 2025); por fim, também cumpre a função de ser *sinônimo de Veräußerung* (*alienação de bens*) (*Entfremdung*, 2025a). Todos esses exemplos, além do entendimento autoexplicativo do que significa *Entfremdung* na língua alemã e *alienação* na portuguesa, outorgam até aí a escolha de *alienação*.³ Até aí.

¹ O núcleo do equívoco é a formação intuitiva da palavra: se o adjetivo for *limpo*, para expressar a ideia de *tornar limpo* bastaria a mera transformação do adjetivo em verbo: *limpar*. Então se o adjetivo for *estranho*, *tornar estranho* seria também a simples transformação do adjetivo em verbo: *estranhar* e daí *estranhamento*. Contudo, *estranhamento* não significa *tornar estranho*. Há uma razoabilidade no erro, mas isso não torna o erro menos errado, apenas o errado mais razoável.

² A palavra em alemão mais apropriada para *estranhamento* é *Befremdung*, não *Entfremdung*.

³ A predileção por *alienação* ainda contaria com certo aval de Marx e de Engels. Segundo Lessa (revisor técnico da edição dos MEFs da Expressão Popular e tradutor de Lukács), em sua resenha sobre os *Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social de Lukács*, tal escolha optaria “por manter a tradição aberta por Marx – por exemplo, na tradução para o francês do livro I de *O capital* e por Engels, na tradução ao inglês da mesma obra – de traduzir *Entfremdung* [*Entfremdung*, sem o erro de digitação] por *alienação*” [destaques do autor] (Lessa, 2011, p. 176). Contudo, há uma brecha clara no argumento: *alienação* não é uma palavra nem em inglês nem em francês. Nem sempre palavras de mesma origem possuem o mesmo sentido comum, que é o que realmente importa. Portanto, mesmo sendo um indicativo forte, *alienation* ou *aliénation* lá não implicam necessariamente *alienação* cá. Caso contrário, sair de *alt* (velho/antigo em alemão) para *alto* (em português) seria uma tradução correta, pois possuem similar grafia e mesma origem. Porém não é.

No que toca ao contexto marxiano, os trechos não são todos muito nítidos e alguns até permitem ambas as interpretações. Por exemplo, já na primeira seção do *primeiro manuscrito*, de nome *Remuneração pelo Trabalho*⁴, Marx afirma:

O aumento da remuneração pelo trabalho provoca no trabalhador a busca pelo enriquecimento do capitalista, mas que ele só pode satisfazer através do sacrifício da sua mente e do seu corpo. O aumento da remuneração pelo trabalho pressupõe a acumulação do capital e acarreta nela; assim, o produto do trabalho sempre se defronta com o trabalhador de modo mais *fremd* [fremder]. (2005, p. 9, tradução nossa)⁵

Não dá pra concluir nesse trecho se o *fremd* é *hostil*, *estranho* ou *alheio*, *distante*. Inclusive porque no fim ambos caminham para o mesmo *sentido comum*, o de não pertencer à realidade tangível do trabalhador, portanto, alheio e estranho a ela. Alguns outros, por sua vez, têm a benevolência de nos possibilitar uma interpretação mais nítida. Na seção seguinte, *Ganho do Capital*, ainda do *primeiro manuscrito*, há a pergunta “no que se calca o capital, isto é, a propriedade privada dos produtos de trabalho *fremd*

⁴ A palavra *Lohn* é usualmente traduzida para salário, assim como *Arbeitslohn* (“*Lohn* do trabalho [Arbeit]”). Como o significado na época se referia apenas ao dinheiro ganho pelo trabalho, preferiu-se traduzi-la para *remuneração* e não *salário*, já que *salário* é entendido como um tipo mais específico de remuneração, na qual há pagamento regular e fixo, mais restrito ao que *Lohn* significa. É até comum trabalhadores que ganham por comissão se referirem aos seus ganhos como “ganho X de salário mais uns Y de comissão”. Para *Marx*, e diria que até para a época, tanto um quanto o outro constituem o *Lohn*, de sorte que o todo é melhor referido como a remuneração que o trabalhador recebe. Assim, *Lohn* sai de *salário* e vira *remuneração*, *Arbeitslohn* deixa de ser *salário* e passa a ser *remuneração pelo trabalho*, *Lohnarbeit* passa de *trabalho assalariado* para *trabalho remunerado*, tal qual *Lohn für Stuck* e *Lohn für Zeit* saem respectivamente de *salário por peça* e *salário por tempo* e passam, respectivamente também, para *remuneração por peça* e *remuneração por tempo*. A troca também ajuda na compreensão de que importa pouco para a teoria se o trabalhador em questão recebe “salário” de maneira fixa ou se é contratado de maneira explícita. O que importa é que ele entra com o trabalho (mais a frente com a *capacidade de trabalho*) no processo de valorização do valor dominado por outrem e volta com a sua remuneração. Assim, certa polêmica conceitual acerca de “assalariamento disfarçado” se vê sem base, pois esse é apenas um tipo normal de *remuneração pelo trabalho*, como no caso de trabalhadores de aplicativos. Não importa se são ou não “assalariados”, são trabalhadores remunerados, como são os operários em uma fábrica aos moldes ditos tradicionais.

⁵ Die Erhöhung des Arbeitslohns erregt im Arbeiter die Bereicherungssucht des Kapitalisten, die er aber nur durch Aufopferung seines Geistes und Körpers befriedigen kann. Die Erhöhung des Arbeitslohns setzt die Häufung des Kapitals voraus und führt sie herbei; stellt das Produkt der Arbeit also immer fremder dem Arbeiter gegenüber.

[Produkten fremder Arbeit]?” (Marx, 2005, p. 20, tradução nossa).⁶ Fica claro que nesse caso o trabalho *fremd* é equivalente a *alheio*, pois se refere apenas ao trabalho de outra pessoa. Felizmente esse não é o único nessa mesma direção:

1. “o objeto que o trabalho produz, seu produto, defronta-se com o objeto como *fremd*, como um poder independente do produtor” (Marx, 2005, p. 56, tradução nossa).⁷ Se ser *fremd* significa ser *independente do produtor*, então mais uma vez há uma evidência a favor de *fremd-alheio* ao invés de *estranho*;
2. “quanto mais o trabalhador elabora a si, mais poderoso o mundo que ele engendra frente a si se torna *fremd*, objetivo” (p. 57, tradução nossa)⁸. Se *fremd* atua como similar a *objetivo*, significaria então *alheio*, pois fora do sujeito;
3. “significa não apenas que o trabalho se torna um objeto, uma existência exterior, mas que o trabalho existe exteriormente a ele [o trabalhador], independentemente dele, *fremd* a ele” (p. 10, tradução nossa)⁹. Se *fremd* de algo é ser *independente de algo, exterior a algo*, então atua como semelhante de *alheio a algo*, não de *estranho, incompatível*;
4. “se o produto do trabalho é *fremd* a mim, defronta-me como um poder *fremd*, a quem então ele pertence?” (p. 64, tradução nossa)¹⁰ “Se a minha própria atividade não me pertence, é uma atividade forçada, *fremd*, a quem então ela pertence?” (p. 64, tradução nossa)¹¹. Nota-se como *fremd* tem relação com não ser próprio, ou seja, mais uma vez, mais para *alheio* do que para *estranho*.

⁶ Worauf beruht das Kapital, d.h. das Privateigentum an den Produkten fremder Arbeit?

⁷ Der Gegenstand, den die Arbeit produziert, ihr Produkt, tritt ihn als ein fremdes Wesen, als eine von dem Produzenten unabhängige Macht gegenüber.

⁸ Je mehr der Arbeiter sich ausarbeitet, um so mächtiger wird die fremde, gegenständliche Welt, die er sich gegenüber schafft

⁹ die Bedeutung, nicht nur, daß seine Arbeit zu einem Gegenstand, zu einer äußern Existenz wird, sondern daß sie außer ihm, unabhängig, fremd von ihm existiert

¹⁰ Wenn das Produkt der Arbeit mir fremd ist, mir als fremde Macht gegenübertritt, wem gehört es dann?

¹¹ Wenn meine eigne Tätigkeit nicht mir gehört, eine fremde, eine erzwungne Tätigkeit ist, wem gehört sie dann?

As evidências possíveis (os trechos, os usos em demais contextos e os cognatos em outras línguas escolhidos ou autorizados por Marx ou Engels) apontam em seu conjunto para *fremd-alheio*, de sorte que as opções como *estranhamento* ou *tornar estranho* (melhor) não possuem aval algum do texto. *Alienação*, por isso, é até aí uma opção superior. Até aí.

3. *Entäußerung*: parece com *Äußerung*, mas se aparência coincidissem com essência...

A palavra *Entäußerung* é formada pela união do prefixo *ent-* com a palavra *Äußerung*. Essa última, apesar de significar algo como *manifestação* (não no sentido de passeatas e protestos, mas no de expressar algo), foi traduzida extensivamente para *exteriorização* ou similar, graças à formação da palavra. *Äußerung* é a substantivação do verbo *äußern*, cujo significado é o de tornar *außer*, adjetivo que significa *exterior*, do *lado de fora*, *externo*. Portanto, se o significado é o de *tornar exterior*, a palavra seria *exteriorização*, *externação*, etc. O método de traduzir pela formação é, em seu cerne, um equívoco, pois palavras de sentidos parecidos possuem formações diferentes e vice-versa. Assim, através dele se eleva uma coincidência ao nível de uma necessidade.¹² Apesar disso, em *Äußerung* tem certa lógica. Visto que *manifestar algo* é basicamente *tornar algo exterior*, mesmo com um método que tende ao erro, nesse caso o resultado coincidiu. A opção por uma ou por outra é pouco objetiva, com prós e contras de relevância diminuta. Em português comum: tanto faz.

Entäußerung, pela semelhança na formação com *Äußerung*, teria sido traduzida para palavras também como *exteriorização*, *extrusão* ou similares; afinal, se a formação é semelhante, o significado também o seria (falso). Lessa, por exemplo, afirma que ela foi uma “tradução quase literal do alemão”

¹² Bom exemplo disso é *Zeitung*, que em alemão significa *jornal*, mas em sua formação é literalmente *temporização*, ou seja, aquilo que se compra para se colocar no tempo. Tem um pouco de sentido, mas seria absurdo dizer “comprou uma temporização” ao invés de “comprou um jornal”. Traduzir de tal jeito, então, é um absurdo ainda maior.

(2011, p. 176). Ranieri escolheu ora *alienação*, ora *exteriorização* (Marx, 2004). Em outros textos ocorreram escolhas parecidas, não dá pra dizer que o erro foi solitário. Na versão portuguesa do *Para a Questão Judaica*, há a escolha de *externamento* (Marx, 2009). Nas traduções de Hegel feitas por Paulo Meneses a escolha é por *extrusão* (Meneses, 2001). O problema é que *Entäußerung* não significa nada disso.

Quando consultamos os dicionários *atuais* de alemão, os significados divergem *radicalmente* daquele afirmado pelos defensores da semelhança com *exteriorização*.

1. O *Duden* o equipara a *Verzicht* (renúncia), a *Weggabe* (desfazimento, no sentido de se desfazer de algo, não de desconstruir, desmontar ou destruir o objeto) e a *Veräußerung* (alienação de bens). Aponta também, como seu possível sinônimo, *Trennung* (separação) (*Entäußerung*, 2025).
2. O *DWDS* afirma que é “correspondente ao significado de *entäußern*” (*Entäußerung*, 2025)¹³, o qual por sua vez seria *entsagen* (abdicar), *verzichten* (renunciar), *weggeben* (desfazer-se, de onde vem o supracitado *Weggabe*) (*entäußern*, 2025).
3. No dicionário de termos econômicos chamado *Wirtschaftslexicon* (literalmente “léxico da economia”), a *Entäußerung* é destinado o seguinte trecho:

Em Sociologia da Economia: *alienation*, na Teoria do Contrato Social da Filosofia Política Clássica, denominação para a transferência de todos os direitos do membro da sociedade para o Estado, ou seja, à representação da sociedade. [...] em grande parte *Entäußerung* se torna idêntico a *Entfremdung* em Marx. (*Entäusserung*, 2018)¹⁴

Quando nos debruçamos sobre dicionários *mais antigos e mais próximos à época de Marx*, a situação se repete.

¹³ entsprechend der Bedeutung von entäußern

¹⁴ In der Wirtschaftssoziologie: alienation, [1] in den Staatsvertragstheorien der klassischen Philosophie Bezeichnung für die Übertragung von allen Rechten der Mitglieder der Gesellschaft an den Staat bzw. an die Repräsentation der Gesamtgesellschaft (der Bürger entäussert sich seiner Rechte). [...] Weitestgehend wird hiermit bei Marx Entäusserung identisch mit Entfremdung.

1. No *dicionário dos Irmãos Grimm* [primeira publicação em 1854] a palavra, com a grafia da época, *entäuszerung*, é traduzida para *alienatio* do latim e o exemplo de uso tem o dinheiro enquanto objeto, a “*entäuszerung* do dinheiro” (*entäuszerung*, 2025, tradução nossa)¹⁵, é equiparada também a *Entsagung* (abdição). (*Entäuszerung*, 2025) No caso do verbo *entäuszern*, *alienare* também é opção de tradução, e é equiparado a *entfremden* (verbo de onde vem *Entfremdung*), *veräuszern* (grafia mais antiga de *veräußern*, alienar um bem), *von sich geben* (dar de si), *wegbringen* (remover) e *entfernen* (distanciar ou excluir). (*entäuszern*, 2025)
2. No *Dicionário-Goethe* o sentido de *Entäußerung* também é o de *Aufgabe* (desistência), *Verzicht* (renúncia) e *Entsagung* (abdição). (*Entäußerung*, 2025)
3. No *dicionário alemão* [1897], de *Paul Hermann*, o verbo *entäußern* é descrito novamente como “dar de si” (Hermann, 1897, p. 114, tradução nossa)¹⁶.
4. No *dicionário de bolso da língua latina* [1845], de *Gustav Eduard Mühlmann*, *Entäußerung* é traduzido para *alienatio*, equiparado a *Veräußern*. (Mühlmann, 1845, p. 356) O verbo *entäußern* por sua vez o é para *decedere* (renunciar). (p. 356)
5. No *dicionário da língua alemã e espanhola* [1831], de *Theresius von Seckendorf-Aberdar*, as alternativas para *Entäußerung* são *desaproprio*, *enagenación*, *enagenamiento*, *desapropriamento* (e com o detalhe de que é uma ação *freywillig*, grafia da época para *freiwillig*, que significa de *livre e espontânea vontade*, *voluntariosa*). (Seckendorf-Aberdar, 1831, p. 216) Para *entäußern*, além dos verbos que já foram citados em *Entäußerung*, há a opção de *desnudarse*. (p. 216)
6. No *dicionário italiano-alemão e alemão-italiano La Fontana Della Crusca ovvero* [1759], de *Nicolò di Castelli*, as alternativas para *Entäußerung* são

¹⁵ des geldes entäuszerung

¹⁶ es von sich geben

dilungamento, dilungazione, separazione, allontananza e discostamento.
(Castelli, 1759, p. 158)

7. No *dicionário completo inglês-alemão e alemão-inglês* [1823], de *Johann Christian Fick*, a palavra *Entäußerung* é opção para *to Estränge* (junto a *Entfremdung*, inclusive). (Fick, 1823, p. 233)
8. No *novo dicionário italiano-alemão e alemão-italiano* [1793], de *Annibale Antonini*, a primeira alternativa correspondente a *entäußern* é *spogliarsi volontariamente* (ênfase no cognato de *volontariamente*). (Antonini, 1793, p. 179) Para *Entäußerung* há as opções de *spogliazione, privazione volontaria di checchessia* (ênfase mais uma vez no equivalente a “voluntária”), *rinunzia* e até *spropriazione*. (idem, p. 179)
9. No feito por *Jakob Bayer* [1786] a palavra *Entäußerung* é equivalente a *Veräußerung* (alienação de bens), *Alienatio* e a *Enthaltung* (privação). (Bayer, 1786, 255).
10. No *dicionário de mão de alemão medieval vulgar* [1888], feito por *August Lübben*, *entäußern* é opção para a palavra *af-gân*, acompanhada por *verlassen* (abandonar), *aufgeben* (desistir) e *verzichten* (renunciar). (Lübben, 1888, p. 5)
11. No *dicionário de bolso do alemão culto medieval* [1885], por *Matthias von Lexer*, *entäußern* traduz *ânen* e é acompanhada por *verzichten* (renunciar), *beraubt sein* (estar privado de). (Lexer, 1855, p. 6)
12. O mesmo *ânen* aparece no *dicionário de alemão antigo* [1882], de *Oskar Schade*, onde *entäußern* aparece novamente ao lado de *verzichten* (renunciar), de *berauben* (privar), de *beraubt sein* (estar privado de) e de *entbehren* (dispensar). (Schade, 1882, p. 19)
13. No *dicionário de língua estrangeira para o povo alemão com 14.000 palavras estrangeiras* [1855], feito por *Joseph Dominik Carl Brugger*, *Entäußerung*, junto a *Veräußerung* (alienação de bens), aparece como alternativa a *Alienation*. (Brugger, 1855, p. 9)

14. No *dicionário de explicações germanizadas* [1886] de *Otto Sarrazin*, *Entäußerung* é – junto a outras como *Verzicht* (renúncia), *Niederlegung*, *Aufgabe eines Amtes* (renúncia, desistência de um condado), *Entsagung* (abdicação) – alternativa a *Abdication*. (Sarrazin, 1886, p. 1)
15. No *dicionário de língua estrangeira* feito por *Peter Friedrich Ludwig Hoffmann* [1867], *Entäußerung* aparece junto a *Veräußerung* (alienação de bens) como alternativa a *Aliënation*. (Hoffmann, 1867, p. 25)
16. No *dicionário alemão de pronúncia* [1915], de *Wilhelm Viëtor*, *Entäußerung* é usada como sinônimo de *Abalienation*, formado pela prefixação de *ab*¹⁷ com *Alienation*. (Viëtor, 1915, p. 1)
17. No *dicionário de mão de língua estrangeira em alemão escrito e informal* [1865], *Entäußerung* é tradução de *Aliënamënto* junto de *Wegschaffung* (ato de levar embora) e *Entfremdung* e de *Aliënation* junto a *Veräußerung* (alienação de bens). (S.I., 1865, p. 35)
18. Na *Real Enciclopédia para A Teologia e Igreja Protestantes* [1898], *Entäußerung Christi* é o equivalente a *Kenosis*, “o ato de se esvaziar de si mesmo, sem perder a própria identidade, para se fazer abertura ao outro e se encontrar no outro” (Dos Santos e Xavier, 2008, p. III). (S.I., 1898, p. 395) Inclusive, segundo Paulo Meneses, que foi tradutor de Hegel e padre, baseando-se em Enrique Dussel, a própria palavra *Entäußerung* teria sido introduzido no alemão por Martinho Lutero justamente para traduzir *ekénose*, donde *Kenose* é derivado, em Filipenses 2,7. (Meneses, 2001, p. 28)

Os sentidos de *Entäußerung*, em alemão, e de *exteriorização* e similares, em português, em muito pouco se aproximam, em quase nada. Enquanto em *Entäußerung* há o sentido de entregar algo *de modo voluntário*; de abdicar de algo de sorte que tal algo é perdido e causa uma ausência no antigo pertencedor e assim um distanciamento entre ambos (por isso tal palavra

¹⁷ O prefixo *ab-* traz a ideia de *separação*. *Schneiden* é cortar, *Abschneiden* é cortar de um jeito que o cortado se separe do original, cortar de tirar pedaço; *schließen* é encerrar, *abschließen* é tornar concluído, completo ou fechar; *sagen* é dizer, *absagen* é cancelar; etc.

também pode ser *alienação em termos jurídicos, de um direito, inclusive o de propriedade*, i.e., *alienação de bens*, sinônimo de *Veräußerung*). Por outro lado, *exteriorização* ou *extrusão* têm o foco em tornar o objeto exterior, não necessariamente distante, não necessariamente ausente e não necessariamente de modo voluntário. Ao exteriorizar minha opinião, por exemplo, não a perco. Ao exteriorizar minha força, não me torno fraco. Sem contar que passa longe de poder significar algo minimamente semelhante a *alienação em termos jurídicos*. *Äußerung* e *Entäußerung*, portanto, não chegam nem perto de ser sinônimos. As coincidências nominais não são evidência suficiente de significados semelhantes, tampouco para traduções parecidas.¹⁸ Seria o mesmo de tentar assemelhar os termos *capitão de fragata* e *cafetão de gravata*.

Se *Entäußerung* é a entrega do objeto em tom voluntário, podendo ele ser um bem ou um direito – donde sai a sua sinonímia notável com *Veräußerung* (alienação de bens) – e assim distanciaria o sujeito do objeto e traria a sua ausência, então a escolha por *exteriorização*, *externamento*, etc. é descartada. Já a de novo por *alienação* pode até não ser a correta, mas até aí é no mínimo bem sustentada. Até aí.

4. O caráter metonímico de alienação de bens

Em três traduções dos *MEFs* para o português a palavra *Veräußerung* (alienação de bens) foi traduzida para *venda*¹⁹. A escolha não se restringiu a elas. No *Para a Questão Judaica*, as traduções seguiram opções parecidas: Nélio Schneider optou por “ato de vender” (Marx, 2010, p. 59),

¹⁸ Inclusive, o método na tradução de *Entäußerung* para exteriorização é usado de maneira injustificadamente inconstante. Seguindo-o, se poderia traduzir *Veräußerung* – alienação de bens – para alguma variação de exteriorização também; afinal, ela também é composta pela junção de um prefixo (*ver-*) com *Äußerung*, tal qual *Entäußerung*. Ao invés disso as traduções mantiveram suas escolhas mais próximas ao *sentido comum* e em sua maioria optaram por *venda*. Por que a origem em *außer* ou em *Äußerung* foi usada como base para a tradução em um caso e no outro não? Dois pesos pedem uma medida, não duas.

¹⁹ As três traduções em questão são a da Expressão Popular (Marx, 2015), da Boitempo (Marx, 2004) e a feita por *Mônica Hallak* em sua dissertação de mestrado. A escolha pode ser vista no artigo que sintetiza a dissertação, em (Da Costa, 2005).

Barata-Moura usou “venda” como uma opção viável para a mesma palavra, apesar de usar “alienação” como principal. (Marx, 2009, p. 80) Noutra tradução do *Para a Questão Judaica*, mas para o inglês, a escolha foi por *selling* [vender]. (Marx, 2025f)²⁰

Acredito que essas escolhas não foram apenas uma gambiarra bem-feita para escolher uma palavra próxima de *alienação* (transferência de propriedade) e evitar a confusão com *alienação* (separação do grupo, exclusão ou um conceito, assim dito). Na verdade, ocorreria um uso metonímico, sinedóquico, de *alienação de bens* para se referir a apenas um de seus tipos: a *venda*. Como ocorre com o termo *Jiu-Jitsu* (geral), que usualmente se refere apenas ao *Brazilian Jiu-Jitsu* (específico) e não a algum estilo japonês; ou com *hérnia* (geral), que usualmente se refere à *hérnia de disco* (específico), não à hérnia umbilical. A escolha para venda pelos tradutores acaba por expressar o sentido desse uso metonímico, estivessem eles conscientes disso ou não. Tal sinédoque fica explícita neste trecho d’*A Miséria da Filosofia* (originalmente escrito em francês):

Chegou, enfim, a época em que tudo aquilo que os homens tinham considerado como inalienável [*inaliénable*²¹] tornou-se objeto de troca, de tráfico, e podia ser alienado. É a época em que as próprias cousas que até então eram transmitidas, mas jamais trocadas; dadas, mas jamais vendidas; ganhas, mas jamais compradas — virtude, amor, opinião, ciência, consciência, etc. — tudo passou enfim para o comércio. É a época da corrupção geral, da venalidade universal ou, para falar em termos de economia política, a época em que todas as cousas, morais ou físicas, tornando-se valores venais, são levadas ao mercado para serem apreciadas pelo seu mais justo valor. (Marx, 2025e)

Percebe-se que o *alienável* não incluiu a rigor toda e qualquer forma de alienação de bens. Referiu-se apenas a um de seus tipos, ao *comércio*. Tornar *alienável* vira sinônimo de dizer as coisas *que são levadas ao mercado, passadas ao comércio*. *Alienação* em *Marx*, por vezes, nada mais é do que *venda*.

²⁰ Selling [*Veräußerung*] is the practical aspect of alienation [*Entäußerung*]. (Marx, 2025f)

²¹ A comparação foi feita com o texto original em francês. (Marx, 2025d)

Esse uso está mais nítido em alguns fragmentos de três obras escritas após os *Manuscritos* (1844): no *Para a Crítica da Economia Política* (1859), n’*A Sagrada Família* (1845) e n’*O Capital* (1867). A ideia dos exemplos trazidos desses livros é apenas uma: mostrar como trocar *alienação* (com seu sentido por demais abrangente e inapropriado) por um sinônimo de *venda* (com seu sentido mais específico ao qual *alienação* no fim se referiria nesses contextos) é razoável, preferível. Tal troca torna os textos entendíveis e até auto-explicativos, o que antes era de compreensão complicada e que precisava de ultraconceitualizações (“faz sentido porque alienação é um conceito que na verdade quer dizer...”).

A seguir alguns trechos do *Para a Crítica da Economia Política* em que *Entäußerung* foi entendida por *alienação-venda* para mostrar como a retirada de *alienação* (*exteriorização*, inclusive, faria menos sentido ainda) e sua substituição os melhora em termos de compreensão. Como *venda* já abrange *Verkauf* (estritamente venda), optou-se por usar um outro sinônimo para não sobrecarregar a palavra em português e para respeitar a escolha menos usual. A escolha foi: *mercanciação*.²²

1. Portanto, se a mercadoria só pode se tornar valor de uso ao se efetivar como valor de troca, por outro lado, ela só pode se efetivar como valor de troca ao se comprovar como valor de uso em sua mercanciação [*Entäußerung*]. Uma mercadoria só pode ser vendida [*veräußert*] como valor de uso para alguém a quem ela é valor de uso, isto é, objeto de uma ambição particular. (Marx, 2025k, tradução nossa)²³
2. Claro que Stuart sabia muito bem que o produto em épocas pré-burguesas também recebe a forma de mercadoria e a mercadoria a forma de

²² Há momentos em que as palavras se referem de fato à transferência e a troca por um sinônimo de *venda* não é benéfica, como no caso do dinheiro, em que entregá-lo na venda não equivale a vender o dinheiro. Nessas exceções, sugere-se para *Veräußerung* e *Entäußerung* os termos *cessão* e *entrega*, um para um e outro para outro, para não causar confusão.

²³ Wenn die Ware daher nur als Gebrauchswert werden kann, indem sie sich als Tauschwert verwirklicht, kann sie sich andrerseits nur als Tauschwert verwirklichen, indem sie sich in ihrer Entäußerung als Gebrauchswert bewährt. Eine Ware kann als Gebrauchswert nur an den veräußert werden, für den sie Gebrauchswert ist, d.h. Gegenstand besondern Bedürfnisses.

dinheiro, mas ele certifica minuciosamente que a mercadoria como forma fundamental e elementar da riqueza e a mercanciação [*Entäußerung*] como forma dominante de apropriação pertencem apenas ao período de produção burguês, portanto, que o caráter do trabalho que coloca valor de troca é especificamente burguês. (Marx, 2025k, tradução nossa)²⁴

3. A configuração real na qual as mercadorias entram no processo de troca é a de seus valores de uso. Equivalente geral efetivo, elas só devem se tornar através de sua mercanciação [*Entäußerung*]. (Marx, 2025m, tradução nossa)²⁵
4. Enquanto no movimento M-D a mercadoria realiza tanto o seu preço quanto o valor de uso do dinheiro alheio [*des fremden Geldes*] através da mercanciação [*Entäußerung*] do valor de uso, no movimento D-M ela realiza seu próprio valor de uso e o preço da outra mercadoria através da mercanciação [*Entäußerung*] como do valor de troca. (Marx, 2025m, tradução nossa)²⁶

N’*A Sagrada Família* também há menção ao uso tanto de *Entfremdung* quanto de *Entäußerung* como sinônimos de *venda*. No caso de *Entfremdung*, principalmente quando essa vem acompanhada de *nationalökonomisch* (político-econômico ou ao modo da Economia Política), que é o que *Entfremdung* poderia significar dentro da Economia Política, ou seja, não como *alienação-separação*. Pelos mesmos motivos da escolha por *mercanciação*, dessa vez a escolha foi *comerciação*. A seguir, os trechos:

1. A classe possuidora e a classe do proletariado expõem a mesma autocomerciação das pessoas [*dieselbe menschliche Selbstentfremdung*]. Porém a primeira

²⁴ Steuart wußte natürlich sehr wohl, daß das Produkt auch in vorbürgerlichen Epochen die Form der Ware und die Ware die Form des Geldes erhält, aber er weist ausführlich nach, daß die Ware als elementarische Grundform des Reichtums und die Entäußerung als die herrschende Form der Aneignung nur der bürgerlichen Produktionsperiode angehören, also der Charakter der Tauschwert setzenden Arbeit spezifisch bürgerlich ist.

²⁵ Die reale Gestalt, worin die Waren in den Austauschprozeß eintreten, ist die ihrer Gebrauchswerte. Wirkliches allgemeines Äquivalent sollen sie erst werden durch ihre Entäußerung.

²⁶ Während die Ware in der Bewegung W-G durch Entäußerung als Gebrauchswert ihren eigenen Preis und den Gebrauchswert des fremden Geldes realisiert, realisiert sie in der Bewegung G-W durch ihre Entäußerung als Tauschwert ihren eigenen Gebrauchswert und den Preis der andern Ware.

classe se sente bem e se confirma nessa automercanciação [*Selbstentfremdung*], sabe da comerciação [*Entfremdung*] como seu poder próprio e possui em sua aparência uma existência humana; a segunda se sente aniquilada na comerciação [*Entfremdung*], enxerga nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana. (Marx e Engels, 2025, tradução nossa)²⁷

2. Proudhon querer suspender o não ter e o modo velho de ter é ao todo idêntico a ele querer suspender a relação praticamente comerciada [*das praktisch entfremdete Verhältnis*] da pessoa com sua entidade²⁸, a ele querer suspender a expressão político-econômica da autocomerciação das pessoas [*der menschlichen Selbstentfremdung*]. Porém, por sua crítica à Economia Política ainda ser partidária dos pressupostos da Economia Política, a reapropriação do próprio mundo objetivo ainda é exprimida sob a forma político-econômica da posse. (Marx e Engels, 2025, tradução nossa)²⁹

²⁷ Die besitzende Klasse und die Klasse des Proletariats stellen dieselbe menschliche Selbstentfremdung dar. Aber die erste Klasse fühlt sich in dieser Selbstentfremdung wohl und bestätigt, weiß die Entfremdung als ihre eigne Macht und besitzt in ihr den Schein einer menschlichen Existenz; die zweite fühlt sich in der Entfremdung vernichtet, erblickt in ihr ihre Ohnmacht und die Wirklichkeit einer unmenschlichen Existenz.

²⁸ Há palavras que por serem homônimas pedem algum complemento para que a diferenciação entre elas se torne possível no texto, caso o contexto não baste. O exemplo de *manga* volta a ser conveniente. Para diferenciar qual das duas palavras se usa, pode-se por exemplo falar *de manga, a fruta, e manga de camisa*. Porém, quando esse mesmo texto é traduzido, esses complementos se tornam inúteis, quando não prejudiciais. Se traduzirmos para o inglês, por exemplo, não há mais homonímia para se preocupar, pois a primeira é *mango* e a segunda é *sleeve*. Julgo que o uso dos adjetivos *subjektiva* [*subjektiv*] e *objetiva* [*gegenständlich*] cumpra papel similar quando acompanham *Wesen*, que pode ser tanto *essência* quanto *entidade*. Se a *Wesen* é *subjektiva*, referir-se-ia à *essência*, pois pertence àquele “sujeito”. Se a *Wesen* for *objetiva*, referir-se-ia à *entidade*, pois é a *Wesen* que independe desse sujeito, por isso *objetiva*, como é o caso aqui da entidade humana, a própria humanidade, existente de modo independente de um sujeito humano singular, pois há outros que a compunham e a compõem. Traduzir os termos para *essência subjektiva* ou *objetiva* não faria sentido, tal como não faria sentido falar em *mango, the fruit*. O complemento deve ser suprimido na tradução a fim de se evitar confusões possíveis. No caso de não haver sinalização mais explícita de qual das palavras foi escolhida, há apenas uma opção: rezar para os Deuses do Contexto pedindo por iluminação no bom entendimento do texto. Espero que Eles tenham sido benevolentes com a interpretação escolhida aqui.

²⁹ Daß Proudhon das Nichthaben und die alte Weise des Habens aufheben will, ist ganz identisch damit, daß er das praktisch entfremdete Verhältnis des Menschen zu seinem gegenständlichen Wesen, daß er den nationalökonomischen Ausdruck der menschlichen Selbstentfremdung aufheben will. Weil aber seine Kritik der Nationalökonomie noch in den Voraussetzungen der Nationalökonomie befangen ist, so wird die Wiederaneignung der gegenständlichen Welt selbst noch unter der nationalökonomischen Form des Besitzes gefaßt.

3. Proudhon não é bem-sucedido em dar a esse pensamento uma execução correspondente. A noção de “posse igual” é, ainda ela mesma, a expressão político-econômica, comerciada [*entfremdete*] para o que é o objeto enquanto ser para a pessoa, enquanto ser objetivo da pessoa, simultaneamente a existência da pessoa para outra pessoa, sua ligação humana com outra pessoa, sua relação de pessoa com pessoa. Proudhon suspende a comercialização [*Entfremdung*] político-econômica dentro da comercialização [*Entfremdung*] político-econômica. (Marx e Engels, 2025, tradução nossa)³⁰
4. De um ponto de vista político-econômico, a crítica à Economia Política autentica todas as definições essenciais à atividade humana, mas apenas na forma comerciada, mercanciada [*in entfremdeter, entäußerter Form*], assim como ela aqui, p. ex., transforma o significado do tempo para o trabalho humano em seu significado para a remuneração pelo trabalho, para o trabalho remunerado. (Marx e Engels, 2025, tradução nossa)³¹
5. Eles [os trabalhadores comunistas que estão nos ateliês de Manchester e Lion, por exemplo] sentem bem dolorosamente a diferença entre ser e pensar, entre consciência e vida. Eles sabem que propriedade, capital, dinheiro, trabalho remunerado e similares não são devaneios ideais, e sim produtos muito práticos, muito objetivos de sua autocomercialização [*Selbstentfremdung*] [...]. (Marx e Engels, 2025, tradução nossa)³²

³⁰ Es ist Proudhon nicht gelungen, diesem Gedanken eine entsprechende Ausführung zu geben. Die Vorstellung des “gleichen Besitzes” ist der nationalökonomische, also selbst noch entfremdete Ausdruck dafür, daß der Gegenstand als Sein für den Menschen, als gegenständliches Sein des Menschen, zugleich das Dasein des Menschen für den andern Menschen, seine menschliche Beziehung zum andern Menschen, das gesellschaftliche Verhalten des Menschen zum Menschen ist. Proudhon hebt die nationalökonomische Entfremdung innerhalb der nationalökonomischen Entfremdung auf.

³¹ Die Kritik der Nationalökonomie auf nationalökonomischem Standpunkte erkennt alle Wesensbestimmungen der menschlichen Tätigkeit an, aber nur in entfremdeter, entäußerter Form, wie sie hier z.B. die Bedeutung der Zeit für die menschliche Arbeit in ihre Bedeutung für den Arbeitslohn, für die Lohnarbeit verwandelt.

³² Sie empfinden sehr schmerzlich den Unterschied zwischen Sein und Denken, zwischen Bewußtsein und Leben. Sie wissen, daß Eigentum, Kapital, Geld, Lohnarbeit u. dgl. durchaus keine ideellen Hirngespinnste, sondern sehr praktische, sehr gegenständliche Erzeugnisse ihrer Selbstentfremdung sind [...].

Noutros momentos ainda d'*A Sagrada Família* há também o uso de *Entäußerung* enquanto *alienação-venda*, isto é, enquanto *comercialização*:

No Proudhon crítico, “os antigos fundadores da propriedade passam batidos pela preocupação com a ambição deles que corresponde ao direito de propriedade, simultaneamente, o direito de mercenciar [*entäußern*], vender, presentear, adquirir e de perder, o que a igualdade, donde eles saíram, destruiu”.

No Proudhon real, os fundadores da propriedade não passam batido pelo curso do seu desenvolvimento na preocupação com sua ambição. Eles antes não o teriam antevisto, mas mesmo que pudessem tê-lo antevisto, as ambições atuais teriam alcançado a vitória. O Proudhon real está muito, mas muito distante mesmo para mercenciar [*entäußern*], vender e etc. o direito ao “direito de propriedade”, isto é, para contrapor o gênero às suas espécies. Ele contrapõe o “direito de receber uma parte da herança” ao “direito de mercenciá-la [*es zu entäußern*], etc.”, o que forma um progresso e uma oposição reais. (Marx e Engels, 2025, tradução nossa)³³

N'*O Capital* (no capítulo III, *O Dinheiro e A Circulação de Mercadorias*) também há ao menos uma breve menção em que *Entfremdung* aparece enquanto *alienação-venda*, não com seu outro uso, enquanto *alienação-separação*: “nós até aqui não conhecemos relação econômica alguma das pessoas fora a de donos de mercadorias, uma relação na qual eles só apropriam o produto do trabalho alheio ao comerciar [*entfremden*] os próprios.” (Marx, 2025c, tradução nossa)³⁴

³³ Bei dem kritischen Proudhon “übersahen die alten Begründer des Eigentums über der Sorge für ihr Bedürfnis, daß dem Eigentumsrecht zugleich das Recht zu entäußern, zu verkaufen, verschenken, erwerben und verlieren entsprach, was die Gleichheit, von der sie ausgingen, zerstörte”.

Bei dem wirklichen Proudhon übersahen die Begründer des Eigentums diesen seinen Entwicklungsgang nicht in der Sorge für ihr Bedürfnis. Sie hatten ihn vielmehr nicht vorhergesehen, aber selbst wenn sie ihn hätten vorhersehen können, selbst dann würde das gegenwärtige Bedürfnis den Sieg davongetragen haben. Der wirkliche Proudhon ist ferner zu massenhaft, um dem ‘Eigentumsrecht’ das Recht zu entäußern, verkaufen etc., d.h. um der Gattung ihre Arten entgegenzustellen. Er stellt das “Recht, sein Erbteil zu erhalten”, dem “Recht, es zu entäußern etc.” entgegen, was einen wirklichen Gegensatz und Fortschritt bildet.

³⁴ Wir kennen bisher kein ökonomisches Verhältnis der Menschen außer dem von Warenbesitzern, ein Verhältnis, worin sie fremdes Arbeitsprodukt nur aneignen, indem sie eignes entfremden.

O uso de *alienação* enquanto sinédoque, metonímia para *venda*, portanto, fica nítido por meio 1) do sentido da tradução alternativa em diversas obras e períodos do pensamento marxiano; 2) do trecho explícito da *Miséria da Filosofia* no qual *ser alienado* é sinônimo de *ser levado ao comércio* (não o genérico de transferência de posse ou propriedade); 3) da ampla escolha da tradução de *Veräußerung* (alienação de bens) para *venda* ou equivalentes, que expressaria a captação de tal sentido, estivessem seus tradutores consciente do uso metonímico ou não. Reitero: *alienação* (sic) às vezes é apenas *venda*. Nada mais.

5. Apesar de tudo, alienação é uma péssima escolha

Esses cognatos estrangeiros de *alienação*, tanto como ela mesma no português mais antigo ou mais nichado, traziam um significado de *transferência a outrem de um direito (inclusive o de propriedade); separação entre possuidor e possuído* (como no uso *psiquiátrico* do termo, onde o alienado é o separado do uso de sua razão); e principalmente *separação do grupo, um isolamento e exclusão*. Hoje, no português brasileiro, *alienação* se refere à adesão a uma perspectiva ilusória que afasta o problema imaginariamente, ainda que não em sua realidade. Os *sentidos comuns* não convergem o bastante para equivalerem. O ruído entre o uso atual e o que ela um dia pôde dizer e até hoje pode, mas apenas em contextos bem específicos, prejudica a compreensão correta.

O problema não é exclusivo do português. Segundo Maria Cristina Poli na introdução de seu artigo, Ricoeur já apontou problema semelhante na língua francesa, mas nesse caso um ruído oriundo da ultraconceitualização do nome (“da palavra”):

Na *Encyclopaedia Universalis*, Ricoeur indica que “a palavra ‘alienação’ [ou melhor dizendo, a sua equivalente em francês] é hoje, na língua francesa, uma palavra doente” (2002, p. 817). A “doença” em causa é a de um uso excessivo do conceito, abarcando um campo semântico excessivamente vasto. (Poli, 2005, p. 134)

A escolha por *alienação*, apesar de trazer certa noção de *tornar alheio* e de *transferência de direito*, isto é, de até ter certa outorga do dicionário, tem um uso muito *anti-idiomático* e traz um ruído enorme. O *sentido de separação* efetiva não é o referido primariamente por ela, o *sentido de separação do grupo* também não (usa-se *excluído*, *segregado*, *isolado*, *não alienado*). A noção de *alienação de bens* não cabe para o que é dito, já que o uso metonímico não é intuitivo ou atual (não à toa a troca por *mercanciação* ou *comerciação* foi preferida). Optar por *alienação* não passa os *sentidos comuns*. Seria fingir que o português é outro que não o existente. *Alienação* é evidentemente superior a *estranhamento* (ou *estranhação*) ou exteriorização, mas ainda é uma péssima escolha.

6. Não há uma *teoria geral da alienação* em Marx

Vários autores buscaram a tal teoria da alienação (sic), geralmente entendida como *Entfremdung*. Há quem diga que alienação enquanto conceito está presente até no Marx maduro. Há quem defenda que isso é pertencente apenas ao jovem. Há divergências até mesmo internas sobre a tal *teoria da alienação*, se se refere a um fenômeno típico das relações burguesas ou bem anterior a elas, se é algo necessariamente ruim ou neutro, etc. O que parece não ter sido cogitado é que *alienação* (*Entfremdung* ou *Entäußerung*) antes de ser um conceito é uma palavra. Assim, é plenamente possível que Marx tenha usado os termos originais em momentos específicos sem a necessidade de referência a um fenômeno maior de nível filosófico, cuja generalidade poderia se encontrar em análise mais minuciosa dos usos da palavra nos textos. Na verdade, essa análise inclusive aponta para o inverso.³⁵

³⁵ Enfatizemos: não há afirmação neste artigo contra a possibilidade efetiva de uma *teoria geral da assim chamada alienação*, seja *Entfremdung* ou *Entäußerung*. Há sim a de que essa teoria não se encontra no próprio Marx. Não é defendido aqui, em hipótese alguma, que se jogue fora as formulações de, por exemplo, Lukács sobre o tema. (Lukács, 2018) Apenas se afirma, no caso desse exemplo, que elas devem ser atribuídas a Lukács, não a Marx, tenha Lukács concordado com isso ou não, pois a vontade do autor é irrelevante perante o efetivado nos textos.

Tanto *Entfremdung* quanto *Entäußerung*, em uma parte considerável dos textos, têm apenas um sentido usual de *separação*, não fazendo referência necessária a qualquer fenômeno mais complexo. Mas como a escolha deficitária de palavras afastou o *sentido comum* contido no original, a mediação ficou prejudicada e a ultraconceitualização surgiu como alternativa para devolver a nitidez que a má escolha levou. Porém traz uma outra, não a que devia. A ultraconceitualização não foi nada além de conceitos subtraduzidos. Ironicamente, com eles ocorreu uma inversão da realidade onde o significado real foi alienado do leitor, a palavra ganhou uma autonomia imprópria e dominou a interpretação real com um outro significado, alheio e estranho ao próprio texto.

Tomemos então alguns exemplos mais concretos onde haveria o uso de *alienação-separação*: porém, usemos uma tradução alternativa para se referir à ideia de contida nos termos originais. Para tal se escolheu *apartação* (*Entfremdung*) e *desgarramento* (*Entäußerung*), em respeito ao estilo um pouco mais prolixo do que simplesmente *separação* (que seria *Trennung*, uma palavra mais banal).

No texto de 43, traduzido usualmente como *Para a Crítica da Filosofia do Direito* de Hegel, *Entfremdung* é às vezes a separação entre os interesses diversos que há no seio da sociedade civil, isto é, a apartação entre frações dentro de tal grupo. Nesse caso, *alienação* seria um termo tão incomum que desafiaria o entendimento do leitor de maneira desnecessária.

Na “subordinação” e “dependência”, Hegel desenvolveu o lado da identidade conflituosa ainda mais, especificamente o lado da apartação [*Entfremdung*] dentro da unidade, “mas por outro lado ele [o Estado] é propósito *imane*nte a ela e tem sua força na unidade de seu propósito final universal e dos interesses particulares dos indivíduos, onde eles têm obrigações nesse ponto contra ele tal qual eles têm simultaneamente direitos.” (Marx, 2025j, tradução nossa, grifos e aspas do autor)³⁶

³⁶ In der “Unterordnung” und “Abhängigkeit” hat Hegel die eine Seite der zwispältigen Identität weiter entwickelt, und zwar die Seite der Entfremdung innerhalb der Einheit “aber andererseits ist er ihr immanenter Zweck und hat seine Stärke in der Einheit seines allgemeinen Endzwecks und des besonderen Interesses der Individuen, darin, daß sie insofern Pflichten gegen ihn haben, als sie zugleich Rechte haben.

Também há com outros sentidos, mas todos mediante o *sentido comum de separação*, como ao falar que a monarquia seria separada, distante, apartada do povo, e a república não:

A tarefa histórica consiste então na sua reivindicação, mas, ao mesmo tempo, as esferas particulares não têm consciência de que a entidade privada delas cai com a entidade diferente da constituição ou do Estado político, e de que sua existência outra não é diferente da afirmação de sua própria apartação [Entfremdung]. [...] A monarquia é a expressão completa dessa apartação [Entfremdung]. A *república* é a negação dele dentro da sua própria esfera. (Marx, 2025i, tradução nossa)³⁷

Ou o distanciamento que o Estado tem em relação à sociedade, pois é apartado dela:

A pessoa é o princípio real do Estado, mas a pessoa *que não é livre*. Ele é portanto a *democracia* da *falta de liberdade*, a da apartação executada [*die durchgeführte Entfremdung*]. (Marx, 2025i, tradução nossa, destaques do autor)³⁸

Em 43, no *Para a Questão Judaica*, *Entfremdung* aparece em vários contextos. Refere-se à exclusão do judeu da comunidade política (pois o Estado é cristão); também ao fato do Estado na forma de poder senhorial ser separado e distante dele, ao contrário supostamente do Estado oriundo da revolução política como representante da totalidade dos cidadãos; também à *apartação religiosa*, onde a pessoa, o humano, separa uma de suas partes e a atribui ao divino; ou até à separação que as pessoas sofrem causada pelo domínio do mercado enquanto forma de interação de uns com os outros, representado pela “vendição” (*Veräußerung*, alienação de bens), essa que seria responsável por tornar os indivíduos isolados, separados uns dos

³⁷ Die geschichtliche Aufgabe bestand dann in ihrer Revindikation, aber die besondern Sphären haben dabei nicht das Bewußtsein, daß ihr privates Wesen mit dem jenseitigen Wesen der Verfassung oder des politischen Staates fällt, und daß sein jenseitiges Dasein nichts andres als der Affirmativ ihrer eignen Entfremdung ist. [...] Die *Monarchie* ist der vollendete Ausdruck dieser Entfremdung. Die *Republik* ist die Negation derselben innerhalb ihrer eignen Sphäre.

³⁸ Der Mensch ist das wirkliche Prinzip des Staates, aber der *unfreie* Mensch. Er ist also die *Demokratie* der Unfreiheit, die durchgeführte Entfremdung.

outros e da natureza que os cerca, como se não estivessem filiados a uma entidade humana em comum e a essa natureza e tornam esses indivíduos também servos da ambição egoísta. Contudo, *alienação-separação* aparece também como *Entäußerung*, não só *Entfremdung*. Ou seja, tal como em *alienação-venda*, ambas, *Entfremdung* e *Entäußerung*, podem ser usadas de maneira sinonímica e o são. Os trechos:

No assim chamado Estado cristão, a *apartação* [*Entfremdung*] é vigente, mas o humano não.

[...]

A emancipação política é ao mesmo tempo a dissolução da velha sociedade, sob a qual se calca a entidade estatal apartada do povo [*das dem Volk entfremdete Staatswesen*], o poder senhorial. A revolução política é a revolução da sociedade burguesa.

[...]

Por outro lado: se o judeu reconhece isto, a sua entidade prática, como nula e trabalha em sua suspensão [*Aufhebung*], trabalha para se livrar do seu desenvolvimento até aqui, na sua emancipação humana integral, e se volta contra a expressão prática mais elevada da autoapartação humana [*der menschlichen Selbstentfremdung*]

[...]

O dinheiro é a essência do trabalho humano e da sua existência que é dela apartada, essa entidade alheia o domina e o humano a adora.

[...]

O cristianismo é o pensamento sublime do judaísmo, o judaísmo é a aplicação utilitária comum do cristianismo, mas essa aplicação utilitária só pôde se tornar uma universalidade depois que o cristianismo, enquanto religião pronta, completou de modo teórico a autoapartação do humano de si e da natureza [*die Selbstentfremdung des Menschen von sich und der Natur theoretisch vollendet hatte*].

Só agora o judaísmo pôde chegar ao domínio universal e tornar o humano desgarrado [*entäußerten Menschen*], a natureza desgarrada [*entäußerte Natur*] venais, vendáveis, pôde levá-los à servidão da ambição egoísta, fazer deles objetos de transferência de vossa negociação.

A vendição [*Veräußerung*] é a prática do desgarramento [*Entäußerung*]. Como o humano, enquanto for religiosamente partidário, só sabe objetivar sua entidade ao fazê-la uma entidade fantástica e alheia, então esse humano só pode operar de modo prático sob o domínio da ambição egoísta, só pode gerar objetos de modo prático ao pôr os seus produtos, como a sua atividade, sob o domínio de uma entidade alheia e atribuir a eles o significado de uma entidade alheia – do dinheiro. (Marx, 2025h, tradução nossa)³⁹

Já em 44, no artigo publicado e usualmente traduzido por *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel: Introdução*, como em 45 nas *Teses sobre*

³⁹ In dem sogenannten christlichen Staat gilt zwar die Entfremdung, aber nicht der Mensch.

[...]

Die politische Emanzipation ist zugleich die Auflösung der alten Gesellschaft, auf welcher das dem Volk entfremdete Staatswesen, die Herrschermacht, ruht. Die politische Revolution ist die Revolution der bürgerlichen Gesellschaft.

[...]

Andererseits: wenn der Jude dies sein praktisches Wesen als nichtig erkennt und an seiner Aufhebung arbeitet, arbeitet er aus seiner bisherigen Entwicklung heraus, an der menschlichen Emanzipation schlechthin und kehrt sich gegen den höchsten praktischen Ausdruck der menschlichen Selbstentfremdung.

[...]

Das Geld ist das dem Menschen entfremdete Wesen seiner Arbeit und seines Daseins, und dies fremde Wesen beherrscht ihn, und er betet es an.

[...]

Das Christentum ist der sublimen Gedanke des Judentums, das Judentum ist die gemeine Nutzenanwendung des Christentums, aber diese Nutzenanwendung konnte erst zu einer allgemeinen werden, nachdem das Christentum als die fertige Religion die Selbstentfremdung des Menschen von sich und der Natur theoretisch vollendet hatte.

Nun erst konnte das Judentum zur allgemeinen Herrschaft gelangen und den entäußerten Menschen, die entäußerte Natur zu veräußerlichen, verkäuflichen, der Knechtschaft des egoistischen Bedürfnisses, dein Schacher anheimgefallenen Gegenständen machen.

Die Veräußerung ist die Praxis der Entäußerung. Wie der Mensch, solange er religiös befangen ist, sein Wesen nur zu vergegenständlichen weiß, indem er es zu einem fremden phantastischen Wesen macht, so kann er sich unter der Herrschaft des egoistischen Bedürfnisses nur praktisch betätigen, nur praktisch Gegenstände erzeugen, indem er seine Produkte, wie seine Tätigkeit, unter die Herrschaft eines fremden Wesens stellt und ihnen die Bedeutung eines fremden Wesens - des Geldes - verleiht.

Feuerbach, a autoapartação religiosa volta a ser mencionada, isto é, o ato de se dividir, de partir-se e sua consequente atribuição dessa parcela rachada a forças divinas. No artigo de 44 também há a menção a uma apartação mundana de si, não religiosa, a autoapartação política. A seguir:

[No Para a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel: Introdução*:] Assim, a tarefa da História, depois que o além da verdade sumiu, é estabelecer a verdade do aquém. Primeiramente, é tarefa da Filosofia, que está a serviço da História, depois que foi desmascarada a configuração sagrada da autoapartação humana [*der menschlichen Selbstentfremdung*], desmascarar a autoapartação em suas configurações não-sagradas [*die Selbstentfremdung in ihren unheiligen Gestalten*]. (Marx, 2025j, tradução nossa)⁴⁰

[Nas *Teses sobre Feuerbach*:] Feuerbach parte do fato da autoapartação religiosa [*der religiösen Selbstentfremdung*], da duplicação do mundo em um mundo religioso, imaginado, e um real. Seu trabalho consiste em dissolver o mundo religioso em seu fundamento mundano. Ele não enxerga que, após a consumação desse trabalho, o principal ainda permanece agindo. (Marx, 2025g, tradução nossa)⁴¹

Em 59, *Marx* usa *Entäußerung* para falar do dinheiro, que seria a existência separada, à parte, desgarrada das outras mercadorias, já que com ele se teria acesso a elas:

[...] o dinheiro, desenvolvido como a existência de todas as mercadorias desgarrada [*das entäußerte Dasein aller Waren*], em oposição ao meio de circulação, como a existência da mercadoria em sua forma sempre vendável de si. (Marx, 2025m, tradução nossa)⁴²

⁴⁰ Es ist also die Aufgabe der Geschichte, nachdem das Jenseits der Wahrheit verschwunden ist, die Wahrheit des Diesseits zu etablieren. Es ist zunächst die Aufgabe der Philosophie, die im Dienste der Geschichte steht, nachdem die Heiligengestalt der menschlichen Selbstentfremdung entlarvt ist, die Selbstentfremdung in ihren unheiligen Gestalten zu entlarven.

⁴¹ Feuerbach geht aus von dem Faktum der religiösen Selbstentfremdung, der Verdopplung der Welt in eine religiöse, vorgestellte und eine wirkliche Welt. Seine Arbeit besteht darin, die religiöse Welt in ihre weltliche Grundlage aufzulösen. Er übersieht, daß nach Vollbringung dieser Arbeit die Hauptsache noch zu tun bleibt.

⁴² das Geld, entwickelt als das entäußerte Dasein aller Waren im Gegensatz zum Zirkulationsmittel als dem Dasein der Ware in ihrer sich stets veräußernden Form.

Em 67, n' *O Capital* (especificamente nos capítulos XXII, *Transformação do Valor a Mais*⁴³ em *Capital*, e XXIII, *A Lei Geral da Acumulação Capitalista*) a mesma *Entfremdung* é usada para se referir apenas à separação que ocorre do trabalhador com o produto do seu trabalho na forma de um meio de produção ou à separação que há do trabalhador de suas potências mentais, visto que ele é reduzido a um operador de máquinas, não possuindo sequer o controle intelectual do processo ao qual pertence:

1. Assim, o peso sempre crescente do trabalho passado, que colabora no processo de trabalho vivo sob a forma de meios de produção, é atribuído à sua configuração apartada do próprio trabalhador, cujo trabalho passado e não-pago é atribuído à sua configuração de capital. (Marx, 2025b, tradução nossa)⁴⁴
2. [...] todos os meios para o desenvolvimento da produção viram meios de dominação e de exploração dos produtores, mutilam o trabalhador, fazem dele uma pessoa em partes, humilham-no ao fazer dele um acessório de máquina, eliminam seu conteúdo com o sofrimento de seu trabalho, apartam-no [*entfremden ihn*] na mesma medida de suas potências mentais do processo de trabalho [...]. (Marx, 2025a, tradução nossa)⁴⁵

Percebem-se, numa abrangência de 24 anos de produção intelectual marxiana, três coisas: 1) tal qual já tinha sido mencionado, o termo *alienação*

⁴³ Por alguma razão os tradutores oscilaram ao traduzir *Mehrwert*, junção de *Mehr* (mais) com *Wert* (valor), entre mais antigamente para *mais-valia* e mais atualmente para mais-valor. O recurso de formação de palavras por justaposição (quando duas palavras se juntam sem perder certas letras que a compõem) é um recurso cotidiano no alemão, ao contrário do português, onde ele é extraordinário e, portanto, indicaria um significado igualmente extraordinário para justificar seu uso. Assim, o que é simples em *Marx*, um simples *valor a mais*, tornou-se uma nomenclatura estranha e até foi elevado à condição de conceito com *mais-valia* ou *mais-valor*. Curiosamente, a formação da palavra é a mesma de *valor de troca* (*Tauschwert*), a justaposição de *Tausch* (troca) com *Wert* (valor). Contudo, a tradução é corretamente feita, ao invés de repetir o procedimento insano de *mais-valor* e transformar *valor de troca* em *troca-valor*. Tal como não há *troca-valor*, e sim *valor de troca*, não há *mais-valor*, tampouco *mais-valia*, há apenas *valor a mais*.

⁴⁴ Das stets wachsende Gewicht der im lebendigen Arbeitsprozeß unter der Form von Produktionsmitteln mitwirkenden vergangnen Arbeit wird also ihrer dem Arbeiter selbst, dessen vergangne und unbezahlte Arbeit sie ist, entfremdeten Gestalt zugeschrieben, ihrer Kapitalgestalt.

⁴⁵ alle Mittel zur Entwicklung der Produktion schlagen um in Beherrschungs- und Exploitationsmittel des Produzenten, verstümmeln den Arbeiter in einen Teilmenschen, entwürdigen ihn zum Anhängsel der Maschine, vernichten mit der Qual seiner Arbeit ihren Inhalt, entfremden ihm die geistigen Potenzen des Arbeitsprozesses im selben Maße [...].

(seja para *Entfremdung* ou para *Entäußerung*) não cai bem no texto para expressar a ideia de *separação*, pois seu uso assim é *contraintuitivo* e seu significado mais comum de *ilusão* ou *enganação* conduz a confusões razoáveis não permitidas pelos termos originais (como o de *alienação religiosa* ser uma espécie de uso da religião para iludir, distinto da atribuição de parte da humanidade a algo alheio a ela). Mostra-se, portanto, necessário manter os *sentidos comuns* escolhidos e assim permitir a mediação correta para o bom entendimento em nível conceitual. 2) Os fragmentos em que há *alienação-separação* não indicam até aí (até aí) qualquer uso conceitual, mais profundo. Às vezes a interpretação correta do suposto conceito é a dele sequer ser um conceito e ser apenas uma palavra.⁴⁶ E, por fim, 3) *Entfremdung* e *Entäußerung* em Marx, mesmo com significados duplos de venda e separação, atuam em geral como sinônimos. Os que quiseram apontar diferenças, fizeram-no se calcando em concepções erradas do que cada palavra pode significar (principalmente *Entäußerung*). Tentaram em vão descobrir a enorme diferença entre um *murro* e um *soco*. E, pior, disseram que a encontraram.⁴⁷

7. Trabalho alienado (sic) é, antes de tudo, um conceito da Economia Política, não de Marx

Retomemos o principal contexto do artigo: os *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Nele se constata um padrão na titulação e na temática das quatro seções do *Primeiro Manuscrito* (primeiro de três), onde está a do assim chamado *trabalho alienado* (sic). Essas seções seriam: 1) *Remuneração pelo Trabalho*; 2) *Ganho do Capital*; 3) *Renda da Terra*; por fim, 4) *O Trabalho Alienado* (sic) [*Die Entfremdete Arbeit*]. (Marx, 2005, p. V, tradução nossa)

⁴⁶ Pode-se argumentar que termos como “alienação religiosa” teriam essa profundidade, e não discordo, mas o “alienação” aí só cumpre o papel de ser sinônimo de separação, de modo que a *Entfremdung* desses termos não é por si só um “conceito”, apenas uma palavra que compõe esses conceitos.

⁴⁷ O entendimento de que *Entfremdung* e *Entäußerung* em Marx (em Marx) são sinônimas não é exclusivo deste artigo. Ele também está presente no supracitado *Léxico da Economia* (Entäusserung, 2018) e no artigo de Marcela D’Abbio (2015, p. 25).

Soa estranho a última seção e talvez a mais polêmica ser também a única que não faria referência a uma categoria da própria Economia Política, mas sim a uma supostamente marxiana.

A fuga do padrão também é incomum a Marx, se observada por um escopo mais amplo da obra do autor: a crítica marxiana em geral é a crítica interna, uma implosão conceitual. Aceita os conceitos como referentes a entidades reais, leva-os à realidade dessas entidades e os re preenche com suas verdadeiras delimitações. Há um exemplo magnífico desse *modus operandi* na seção *Renda da Terra*. Após evocar citações de *Adam Smith* para apontar as teses dele sobre o tema, Marx abre um parágrafo frasal e diz: “mas agora examinemos a renda da terra como ela se configura na circulação real” (Marx, 2005, p. 40, tradução nossa)⁴⁸. Marx não está aí questionando a entidade concreta apontada por Smith, a *renda da terra*, está apenas questionando que ela é como *Smith* diz que seria. Está dizendo: “Smith, renda da terra não é isso aí, mas isto aqui!”

A estranheza ganha mais corpo na própria seção aqui tomada como tópico. A implosão conceitual se confirma no *primeiro parágrafo* d’*O Trabalho Alienado* (sic), onde Marx afirma que *parte dos pressupostos da Economia Política*, que aceita *a sua linguagem* e daí vem a crítica:

Nós partimos dos pressupostos da Economia Política. Aceitamos a sua linguagem e as suas leis. Nós assumimos a propriedade privada, a divisão do trabalho, capital e terra, igualmente da remuneração pelo trabalho, do lucro do capital e da renda da terra tal como a divisão do trabalho, a concorrência, o conceito de valor de troca, etc. A partir da própria Economia Política, com seu próprio discurso, mostramos que o trabalhador se rebaixa à mercadoria, à mais miserável das mercadorias; que a miséria do trabalhador está em relação inversa com o poder e com a grandeza de sua produção; que o resultado necessário da concorrência é a acumulação do capital em poucas mãos, assim, a terrível reprodução do monopólio; que, finalmente, a diferença do capitalista e do arrendatário, como do camponês e do

⁴⁸ Betrachten wir aber nun die Grundrente, wie sie sich im wirklichen Verkehr gestaltet.

trabalhador da manufatura, desaparece e toda a sociedade precisa se partir em duas classes, a dos proprietários e dos trabalhadores sem propriedades. (Marx, 2005, p. 54, tradução nossa)⁴⁹

A tese aqui levantada, e também calcada no uso metonímico de *alienação*, é a de que o “alienado” em *trabalho alienado* nada mais é do que *alienado-vendido*, típico à Economia Política. O dito trabalho alienado, muito longe de ser uma categoria nominalmente marxiana, e que pediria uma explicação “do que é alienação em Marx”, é antes de tudo apenas o *trabalho comercializado, mercenciado*, isto é, *vendido*, contraposto ao trabalho servil e comum às relações feudais. Em Marx “a teoria é esbatida contra o telão do real” (Chasin, 1988), ele não está sugerindo um conceito de *trabalho alienado*, está tomando o conceito de *trabalho vendido* da Economia Política, chocando-o com a realidade e o preenchendo com o que encontra; está dizendo: “mas agora examinemos como o trabalho vendido se configura na realidade”. Afirmar o contrário disso é basicamente sugerir que não haveria aí, n’*O Trabalho Comercializado* (e não mais “Alienado”), uma crítica ao modo marxiano à Economia Política, e sim apenas mais uma externa e apenas às relações burguesas. Afinal, a própria Economia Política não estaria sendo criticada, somente substituída ou acrescida em categoria por uma outra supostamente original. Seria reduzir o potencial da teoria marxiana na vã intenção de aumentá-lo.

Observemos os fragmentos para trazer sustentação, onde é apontada a origem não-marxiana, mas político-econômica do trabalho “alienado”:

- i. Nós já proferimos o conceito deste fato: o trabalho comercializado, mercenciado [*die entfremdete, entäußerte Arbeit*]. Nós analisamos esse conceito, assim, analisamos somente um fato da Economia Política. [Enfatizo aqui o “da Economia Política”.]

⁴⁹ Wir sind ausgegangen von den Voraussetzungen der Nationalökonomie. Wir haben ihre Sprache und ihre Gesetze akzeptiert. Wir unterstellten das Privateigentum, die Trennung von Arbeit, Kapital und Erde, ebenso von Arbeitslohn, Profit des Kapitals und Grundrente wie die Teilung der Arbeit, die Konkurrenz, den Begriff des Tauschwertes etc. Aus der Nationalökonomie selbst, mit ihren eignen Worten, haben wir gezeigt, daß der Arbeiter zur Ware und zur elendesten Ware herabsinkt, daß das Elend des Arbeiters im umgekehrten Verhältnis zur Macht und zur Größe seiner Produktion steht, daß das notwendige Resultat der Konkurrenz die Akkumulation des Kapitals in wenigen Händen, also die fürchterlichere Wiederherstellung des Monopols ist, daß endlich der Unterschied von Kapitalist und Grundrentner wie von Ackerbauer und Manufakturarbeiter verschwindet und die ganze Gesellschaft in die beiden Klassen der Eigentümer und eigentumslosen Arbeiter zerfallen muß.

Continuemos vendo agora como o conceito do trabalho mercenciado, mercenciado [*der entfremdeten, entäußerten Arbeit*] precisa ser proferido e exposto na realidade. (Marx, 2005, p. 64, tradução nossa)⁵⁰

2. Assim como nós, a partir do conceito de trabalho mercenciado, mercenciado [*der entfremdeten, entäußerten Arbeit*], encontramos o conceito de propriedade privada através da análise, todas as categorias da Economia Política podem ser desenvolvidas com a ajuda desses dois fatores, e nós vamos reencontrar em cada categoria, como, p. ex., na negociação, na concorrência, no capital, no dinheiro, apenas uma expressão delimitada e desenvolvida desse primeiro fundamento. (Marx, 2005, p. 68, tradução nossa)⁵¹
3. Entretanto, nós ganhamos o conceito de *trabalho mercenciado* (de *vida desgarrada*) [*der entäußerten Arbeit (des entäußerten Lebens)*] da Economia Política como resultado do *movimento advindo da propriedade privada*. Porém, mostra-se na análise desse conceito que, se a propriedade privada aparece como motivo, como causa do trabalho mercenciado [*der entäußerten Arbeit*], a propriedade privada é, ao contrário, uma consequência desse trabalho, como também os deuses *originalmente* não são a causa, mas o efeito do desvio do intelecto humano. (Marx, 2005, p. 66, tradução nossa, destaques do autor)⁵²

⁵⁰ Wir haben den Begriff dieses Faktums ausgesprochen: die entfremdete, entäußerte Arbeit. Wir haben diesen Begriff analysiert, also bloß ein nationalökonomisches Faktum analysiert.

Sehen wir nun weiter, wie sich der Begriff der entfremdeten, entäußerten Arbeit in der Wirklichkeit aussprechen und darstellen muß.

⁵¹ Wie wir aus dem Begriff der entfremdeten, entäußerten Arbeit den Begriff des Privateigentums durch Analyse gefunden haben, so können mit Hilfe dieser beiden Faktoren alle nationalökonomischen Kategorien entwickelt werden, und wir werden in jeder Kategorie, wie z.B. dem Schacher, der Konkurrenz, dem Kapital, dem Geld, nur einen bestimmten und entwickelten Ausdruck dieser ersten Grundlagen wiederfinden.

⁵² Das Privateigentum ergibt sich also durch Analyse aus dem Begriff der entäußerten Arbeit, d.i. des entäußerten Menschen, der entfremdeten Arbeit, des entfremdeten Lebens, des entfremdeten Menschen.

Wir haben allerdings den Begriff der entäußerten Arbeit (des entäußerten Lebens) aus der Nationalökonomie als Resultat aus der Bewegung des Privateigentums gewonnen. Aber es zeigt sich bei Analyse dieses Begriffes, daß, wenn das Privateigentum als Grund, als Ursache der entäußerten Arbeit erscheint, es vielmehr eine Konsequenz derselben ist, wie auch die Götter ursprünglich nicht die Ursache, sondern die Wirkung der menschlichen Verstandesverirrung sind.

Marx, portanto, não está propondo um novo conceito, está propondo uma revisão de um conceito já estabelecido. O termo “trabalho alienado” apaga as referências de onde Marx o herda e assim torna impossível a discussão e as críticas internas que o autor propõe. A originalidade real de Marx é desrespeitada em prol de uma outra inexistente.

8. A ironia na utilização da ambiguidade e a crítica nela contida

Em todo *O Trabalho Comerciado* as palavras para se referir a tal *trabalho* foram justamente aquelas que também serviriam para o sentido de *separação*. O trabalho *vendido* nos MEFs é *entfremdet* ou *entäußert*, mas nunca *veräußert* (que pode ser *venda*, mas jamais *separação*). A palavra *Veräußerung* e semelhantes sequer aparecem em todo o *Primeiro Manuscrito*. A razão aqui apontada por trás dessa escolha é a possibilidade do uso da *ambiguidade* que *Entfremdung* e *Entäußerung* oferecem. Ambas podem ser tanto *venda* quanto *separação*. Assim, Marx ironiza e mediante ela também expõe a ligação que há entre certas *separações* (como a separação do trabalhador do produto do trabalho, do humano individual de seu gênero, etc.) e a *venda*, defendida pela Economia Política.

Acompanhemos a linha de raciocínio seguida por Marx:

1) *Há elementos que a Economia Política toma equivocadamente como contrapostos, mas que possuem um elo: o sistema do dinheiro*. Tais não se opõem por outros elementos contingentes e intencionais típicos da sociedade *feudal* (posição da Eco. Pol.), mas se ligam de maneira necessária decorrentes da própria sociedade *burguesa* (posição de Marx). O elo entre eles seria exposto pelo *sistema do dinheiro*, logo é ele que serviria de ponto de partida para a compreensão correta. Neste mesmo fragmento há pela primeira vez na seção o uso de *Entfremdung* (o título *Die Entfremdete Arbeit* não foi sequer dado pelo próprio Marx) e usado como *separação*, não como *venda*, pois é igualado a *Trennung* [*separação*]. A seguir:

Exatamente pela Economia Política não compreender o nexo do movimento que ela pode novamente contrapor, por exemplo, a teoria da concorrência à teoria do monopólio, a teoria da liberdade de comércio à teoria da corporação, a teoria da divisão da posse da terra à teoria da grande propriedade de terra, pois concorrência, liberdade de comércio, divisão da posse da terra estão desenvolvidas e compreendidas apenas como consequências contingentes, intencionais, forçadas do monopólio, da corporação, da propriedade feudal, não como suas consequências necessárias, inevitáveis, naturais.

Assim, temos agora que compreender, com o sistema do dinheiro, o nexo entre a propriedade privada, a ganância, a separação do trabalho, capital e propriedade da terra, da troca e concorrência, do valor e desvalorização do humano, do monopólio e concorrência, etc., de toda essa apartação [*dieser ganzen Entfremdung*]. (Marx, 2005, p. 55-56, tradução nossa)⁵³

2) *Adiciona-se detalhe ao ponto de partida: o fato atual da separação entre o trabalhador e a riqueza que ele produz.* Marx afirma que não se deve partir disso, de “um estado originário inventado” (Marx, 2005, p. 56, tradução nossa)⁵⁴ onde a propriedade privada já existe. Afinal, não se deve tomar “sob a forma de fato, de resultado, o que ele [o economista político] deve deduzir” (Marx, 2005, p. 56, tradução nossa)⁵⁵. Deve-se partir de um fato da Eco. Pol. que seja “atual” (Marx, 2005, p. 56, tradução nossa)⁵⁶, a própria separação entre produtor (trabalhador) e produto (objeto oriundo do seu trabalho). Essa *distância* entre ambos torna o trabalhador mais pobre apesar da riqueza produzida.

⁵³ Eben weil die Nationalökonomie den Zusammenhang der Bewegung nicht begreift, darum konnte sich z.B. die Lehre von der Konkurrenz der Lehre vom Monopol, die Lehre von der Gewerbefreiheit der Lehre von den Korporation, die Lehre von der Teilung des Grundbesitzes der Lehre vom großen Grundeigentum wieder entgegenstellen, denn Konkurrenz, Gewerbefreiheit, Teilung des Grundbesitzes waren nur als zufällige, absichtliche, gewaltsame, nicht als notwendige, unvermeidliche, natürliche Konsequenzen des Monopols, der Korporation und des Feudaleigentums entwickelt und begriffen.

Wir haben also jetzt den wesentlichen Zusammenhang zwischen dem Privateigentum, der Habsucht, der Trennung von Arbeit, Kapital und Grundeigentum, von Austausch und Konkurrenz, von Wert und Entwertung der Menschen, von Monopol und Konkurrenz etc., von dieser ganzen Entfremdung mit dem Geldsystem zu begreifen.

⁵⁴ einen nun erdichteten Urzustand

⁵⁵ in der Form der Tatsache, des Ereignisses, was er deduzieren soll

⁵⁶ gegenwärtigen

Não nos desloquemos, como o economista político quando quer explicar, a um estado originário inventado. Tal estado originário não explica nada. Ele meramente empurra a questão a uma distância cinza, nebulosa. Ele imputa sob a forma de fato, de resultado, o que ele deve deduzir, especificamente a relação necessária entre duas coisas, por exemplo, entre a divisão de trabalho e troca.

[...]

Nós partimos de um fato atual, da Economia Política.

O trabalhador se torna mais pobre quanto mais riqueza ele produz, quanto mais engorda sua produção em potência e abrangência. (Marx, 2005, p. 56, tradução nossa)⁵⁷

3) *Esse ponto de partida apenas expressa que a forma de apropriação do “estado político-econômico” (isto é, das relações econômicas na época da Economia Política, da economia burguesa) é a apartação, o desgarramento que existe entre os que produzem (os trabalhadores) e os produtos. Nesse ponto já há certa ironia na escolha dos termos, pois poderiam significar comercialização, mercanciação, venda. Perceber-se-á pela comparação com o trecho do Para a Crítica da Economia Política, onde Entäußerung é usada de maneira clara como venda, como comercialização.*

[Para A Crítica:] Claro que Stuart sabia muito bem que o produto em épocas pré-burguesas também recebe a forma de mercadoria e a mercadoria a forma de dinheiro, mas ele certifica minuciosamente que a mercadoria enquanto forma fundamental e elementar da riqueza e a mercanciação [Entäußerung] enquanto forma dominante de apropriação pertencem apenas ao período de

⁵⁷Versetzen wir uns nicht wie der Nationalökonom, wenn er erklären will, in einen nun erdichteten Urzustand. Ein solcher Urzustand erklärt nichts. Er schiebt bloß die Frage in eine graue, nebelhafte Ferne. Er unterstellt in der Form der Tatsache, des Ereignisses, was er deduzieren soll, nämlich das notwendige Verhältnis zwischen zwei Dingen, z.B. zwischen Teilung der Arbeit und Austausch.

[...]

Wir gehn von einem nationalökonomischen, gegenwärtigen Faktum aus.

Der Arbeiter wird um so ärmer, je mehr Reichtum er produziert, je mehr seine Produktion an Macht und Umfang zunimmt.

produção burguês, portanto, que o caráter do trabalho que coloca valor de troca é especificamente burguês. (Marx, 2025k, tradução nossa)⁵⁸

[*Manuscriptos Eco.Fil.:*] Esse fato não expressa nada além de: o objeto que o trabalho produz, seu produto, defronta-o [o trabalhador] como uma entidade alheia, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixa em um objeto que é feito enquanto coisa, é a objetivação do trabalho. A efetivação do trabalho é a sua objetivação. Essa efetivação do trabalho aparece no estado da Economia Política enquanto desefetivação do trabalhador, a objetivação enquanto perda do objeto e servidão a ele, a apropriação enquanto apartação, enquanto mercanciação. [*die Aneignung als Entfremdung, als Entäußerung.*]

[...]

Tanto a apropriação do objeto aparece como apartação [*Entfremdung*] que, quanto mais objetos o trabalhador produz, menos ele pode possuir e mais cai sob o domínio do seu produto, do capital. (Marx, 2005, p. 56-57, tradução nossa)⁵⁹

A partir desse ponto a ironia se estabelece e com ela a crítica: a *venda* (*Entfremdung* ou *Entäußerung*) traria consigo a *separação* (também *Entfremdung* ou *Entäußerung*, mas jamais *Veräußerung*, por isso ela sequer aparece nesse manuscrito).

4) *A separação até aqui tratada é consequência da venda que ocorre no próprio processo produtivo: a venda do trabalho, portanto, a crítica adentra o processo produtivo.* Aqui Marx não só afirma o nexo entre ambas as alienações, mas vai um

⁵⁸ Stuart wußte natürlich sehr wohl, daß das Produkt auch in vorbürgerlichen Epochen die Form der Ware und die Ware die Form des Geldes erhält, aber er weist ausführlich nach, daß die Ware als elementarische Grundform des Reichtums und die Entäußerung als die herrschende Form der Aneignung nur der bürgerlichen Produktionsperiode angehören, also der Charakter der Tauschwert setzenden Arbeit spezifisch bürgerlich ist.

⁵⁹ Dies Faktum drückt weiter nichts aus als: Der Gegenstand, den die Arbeit produziert, ihr Produkt, tritt ihn als ein fremdes Wesen, als eine von dem Produzenten unabhängige Macht gegenüber. Das Produkt der Arbeit ist die Arbeit, die sich in einem Gegenstand fixiert, sachlich gemacht hat, es ist die Vergegenständlichung der Arbeit. Die Verwirklichung der Arbeit ist ihre Vergegenständlichung. Diese Verwirklichung der Arbeit erscheint in dem nationalökonomischen Zustand als Entwirklichung des Arbeiters, die Vergegenständlichung als Verlust und Knechtschaft des Gegenstandes, die Aneignung als Entfremdung, als Entäußerung.

[...]

Die Aneignung des Gegenstandes erscheint so sehr als Entfremdung, daß, je mehr Gegenstände der Arbeiter produziert, er um so weniger besitzen kann und um so mehr unter die Herrschaft seines Produkts, des Kapitals, gerät.

passo além, consegue dizer também que a *separação* (*entfremdet* ou *entäußert*) só é possível mediante a produção a partir do trabalho *vendido* (também *entfremdet* ou *entäußert*). É o seguimento do raciocínio que já germinava no *Para a Questão Judaica*, onde “a vendição é a prática do desgarramento” (2025h, tradução nossa)⁶⁰. Mas se antes a crítica estava na circulação, no processo de troca, com o elo na *vendição* (*Veräußerung*), agora pela primeira vez a crítica é levada *ao processo de trabalho, às relações de produção*. A seguir:

Examinamos até agora a apartação [*Entfremdung*], a comercialização do trabalhador [*Entäußerung des Arbeiters*] apenas seguindo um único lado, especificamente a relação dele com o produto do seu trabalho. Porém a apartação [*Entfremdung*] se mostra não somente no resultado, mas no ato da produção, dentro do próprio processo produtivo. Como o trabalhador poderia defrontar o produto de maneira alheia à sua atividade se não se apartasse de si no próprio ato da produção? [*wenn er im Akt der Produktion selbst sich nicht sich selbst entfremdete?*] O produto é só e somente só o resumo da atividade, da produção. Assim, se o produto do trabalho é a mercanciação, [*Entäußerung*], então a própria produção precisa ser o desgarramento em ato [*tätige Entäußerung*], a mercanciação da atividade [*Entäußerung der Tätigkeit*]. Na apartação do objeto do trabalho [*Entfremdung des Gegenstandes der Arbeit*] apenas se resume a comercialização, a mercanciação na própria atividade do trabalho [*Entfremdung, die Entäußerung in der Tätigkeit der Arbeit selbst*]. (Marx, 2005, p. 59, tradução nossa)⁶¹

E então, finalmente, Marx faz com o conceito de *trabalho vendido* o mesmo que teria feito com Smith na seção da *Renda da Terra*, “agora examinemos como o trabalho vendido se configura na realidade”. Não à toa a pergunta inicial à descrição real é “no que consiste *agora* a comercialização do trabalho”, pois é o repreenchimento do conceito, mas *agora* com suas delimitações reais. A seguir:

⁶⁰ Die Veräußerung ist die Praxis der Entäußerung

⁶¹ Wir haben bisher die Entfremdung, die Entäußerung des Arbeiters nur nach der einen Seite hin betrachtet, nämlich sein Verhältnis zu den Produkten seiner Arbeit. Aber die Entfremdung zeigt sich nicht nur im Resultat, sondern im Akt der Produktion, innerhalb der produzierenden Tätigkeit selbst. Wie würde der Arbeiter dem Produkt seiner Tätigkeit fremd gegenüber treten können, wenn er im Akt der Produktion selbst sich nicht sich selbst entfremdete? Das Produkt ist ja nur das Resümee der Tätigkeit, der Produktion. Wenn also das Produkt der Arbeit die Entäußerung ist, so muß die Produktion selbst die tätige Entäußerung, die Entäußerung der Tätigkeit, die Tätigkeit der Entäußerung sein. In der Entfremdung des Gegenstandes der Arbeit resümiert sich nur die Entfremdung, die Entäußerung in der Tätigkeit der Arbeit selbst.

No que consiste agora a mercanciação do trabalho? [*Entäußerung der Arbeit*]

Primeiramente, no trabalho ser extrínseco ao trabalhador, isto é, não pertencer à sua essência, por isso ele não se afirma em seu trabalho, mas se nega, não se sente bem, mas infeliz, não desenvolve energia física e mental alguma, mas castiga o seu físico e arruína a sua mente. Por isso o trabalhador só se sente consigo fora do trabalho e no trabalho se sente fora de si. Em casa, quando não está trabalhando, ele é, e quando está trabalhando, ele não está em casa. Por isso seu trabalho não é de livre-vontade, mas forçado, é trabalho compulsório. Por isso o seu trabalho não é a satisfação de uma ambição, mas é apenas um meio para satisfazer ambições exteriores a ele. Sua alheidade emerge puramente do trabalhador, assim que passa a não existir qualquer coerção, física ou outra, fugir do trabalho tal qual o diabo foge da cruz. O trabalho extrínseco, o trabalho no qual a pessoa se aparta, é um trabalho do autossacrifício, do castigo. Por fim, a extrínsecidade do trabalho para o trabalhador aparece no que não é propriamente seu, mas de outrem, no trabalho não pertencer a ele, no trabalhador não se filiar a si mesmo no trabalho, mas a outrem. Assim como na religião, a atividade de si da fantasia humana, do cérebro humano e do coração das pessoas, surte efeito de maneira independente do indivíduo, isto é, como uma atividade alheia, divina ou diabólica, a atividade do trabalhador não é sua autoatividade de si. Ela pertence a outrem, ela é a perda de si mesmo. (Marx, 2005, p.59-60, tradução nossa)⁶²

⁶² Worin besteht nun die Entäußerung der Arbeit?

Erstens, daß die Arbeit dem Arbeiter äußerlich ist, d.h. nicht zu seinem Wesen gehört, daß er sich daher in seiner Arbeit nicht bejaht, sondern verneint, nicht wohl, sondern unglücklich fühlt, keine freie physische und geistige Energie entwickelt, sondern seine Physis abkasteit und seinen Geist ruiniert. Der Arbeiter fühlt sich daher erst außer der Arbeit bei sich und in der Arbeit außer sich. zu Hause ist er, wenn er nicht arbeitet, und wenn er arbeitet, ist er nicht zu Hause. Seine Arbeit ist daher nicht freiwillig, sondern gezwungen, Zwangsarbeit. Sie ist daher nicht die Befriedigung eines Bedürfnisses, sondern sie ist nur ein Mittel, um Bedürfnisse außer ihr zu befriedigen. Ihre Fremdheit tritt darin rein hervor, daß, sobald kein physischer oder sonstiger Zwang existiert, die Arbeit als eine Pest geflohen wird. Die äußerliche Arbeit, die Arbeit, in welcher der Mensch sich entäußert, ist eine Arbeit der Selbstaufopferung, der Kasteiung. Endlich erscheint die Äußerlichkeit der Arbeit für den Arbeiter darin, daß sie nicht sein eigen, sondern eines andern ist, daß sie ihm nicht gehört, daß er in ihr nicht sich selbst, sondern einem andern angehört. Wie in der Religion die Selbsttätigkeit der menschlichen Phantasie, des menschlichen Hirns und des menschlichen Herzens unabhängig vom Individuum, d. h. als eine fremde, göttliche oder teuflische Tätigkeit, auf es wirkt, so ist die Tätigkeit des Arbeiters nicht seine Selbsttätigkeit. Sie gehört einem andern, sie ist der Verlust seiner selbst.

5) O trabalho “alienado” (*vendido*), agora como ele de fato seria, modifica a relação da pessoa com o mundo e o torna um mundo “alienado” (*separado*). Como o trabalho consiste na atividade prática humana fundamental, base de todas as outras, a relação do trabalho enquanto trabalho *vendido* (*entfremdet* ou *entäußert*) torna o seu produto um produto não só *vendido* como também *separado* (também *entfremdet* ou *entäußert*). Assim, a *venda* na atividade fundamental torna a relação com o mundo enquanto um mundo *separado* (*entfremdet* ou *entäußert*, tal qual o vendido). A seguir:

Nós examinamos ali o ato da comercialização [*Entfremdung*] da atividade prática humana, o trabalho, segundo dois lados. 1. A relação do trabalhador com o produto do trabalho enquanto objeto alheio, poderoso frente ao trabalhador. Essa relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo sensorial exterior, com os objetos da natureza como um mundo que se contrapõe de maneira alheia, hostil ao trabalhador. 2. A relação do trabalho com o ato da produção dentro do trabalho. Essa relação é a relação do trabalhador com sua própria atividade como uma alheia, à qual ele não se filia, a atividade enquanto sofrimento, a força enquanto impotência, a procriação enquanto castração, a própria energia física e mental do trabalhador, sua vida pessoal – pois o que a vida é a vida senão atividade? – como uma atividade – como uma atividade que não pertence ao trabalhador, é independente dele, é voltada contra ele mesmo. A automercanciação, a autoapartação [*Selbstentfremdung*] tal qual acima a apartação da coisa [*die Entfremdung der Sache*]. (Marx, 2005, p.60-61, tradução nossa)⁶³

Por fim, 6) Como o mundo a partir do trabalho *vendido* (*entfremdet*, *entäußert*) é um mundo *separado* (*entfremdet*, *entäußert*, *jamais veräußert*), também o são o gênero humano (a própria humanidade), o outro humano (uma pessoa) e a natureza:

⁶³ Wir haben den Akt der Entfremdung der praktischen menschlichen Tätigkeit, die Arbeit, nach zwei Seiten hin betrachtet. 1. Das Verhältnis des Arbeiters zum Produkt der Arbeit als fremden und über ihn mächtigen Gegenstand. Dies Verhältnis ist zugleich das Verhältnis zur sinnlichen Außenwelt, zu den Naturgegenständen als einer fremden, ihm feindlich gegenüberstehenden Welt. 2. Das Verhältnis der Arbeit zum Akt der Produktion innerhalb der Arbeit. Dies Verhältnis ist das Verhältnis des Arbeiters zu seiner eignen Tätigkeit als einer fremden, ihm nicht angehörigen, die Tätigkeit als Leiden, die Kraft als Ohnmacht, die Zeugung als Entmannung, die eigne physische und geistige Energie des Arbeiters, sein persönliches Leben – denn was ist Leben [anderes] als Tätigkeit – als eine wider ihn selbst gewendete, von ihm unabhängige, ihm nicht gehörige Tätigkeit. Die Selbstentfremdung, wie oben die Entfremdung der Sache.

Agora nós ainda temos que ver uma terceira delimitação do trabalho comercializado [*der entfremdeten Arbeit*], oriunda das duas até então.

O humano é uma entidade do gênero, não apenas quando faz do gênero, tanto o seu próprio quanto a do resto das coisas, o seu objeto de modo prático e teórico, mas – e isso é apenas uma expressão para a mesma coisa –, mas também quando se relaciona consigo mesmo enquanto do gênero atual, vivo, quando se relaciona consigo enquanto uma entidade universal, por isso, livre.

[...]

O trabalho comercializado [*die entfremdete Arbeit*] aparta [*entfremdet*] a pessoa da natureza, de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital, então ele aparta [*entfremdet*] a pessoa do gênero; faz da pessoa, do gênero, um meio da vida individual. Primeiramente aparta vida do gênero e vida individual, e secundariamente faz da última em sua abstração um propósito da primeira, igualmente em sua forma abstrata e apartada [*in seiner abstrakten und entfremdeten Form*].

[...]

Assim o trabalho comercializado [*entfremdete*] faz:

3) da entidade genérica do humano, tanto a natureza quanto sua capacidade mental genérica, uma entidade alheia a ele, um meio de sua existência individual. Tal trabalho aparta o humano do próprio ventre, como da natureza exterior a ele, como de sua entidade mental, sua entidade humana. (Marx, 2005, p. 61-64, tradução nossa)⁶⁴

⁶⁴ Wir haben nun noch eine dritte Bestimmung der entfremdeten Arbeit aus den beiden bisherigen zu ziehn.

Der Mensch ist ein Gattungswesen, nicht nur indem er praktisch und theoretisch die Gattung, sowohl seine eigne als die der übrigen Dinge, zu seinem Gegenstand macht, sondern — und dies ist nur ein anderer Ausdruck für dieselbe Sache —, sondern auch indem er sich zu sich selbst als der gegenwärtigen, lebendigen Gattung verhält, indem er sich zu sich als einem universellen, darum freien Wesen verhält.

[...]

Indem die entfremdete Arbeit dem Menschen 1. die Natur entfremdet, 2. sich selbst, seine eigne tätige Funktion, seine Lebenstätigkeit, so entfremdet sie dem Menschen die Gattung; sie macht ihm das Gattungsleben zum Mittel des individuellen Lebens. Erstens entfremdet sie das Gattungsleben und das individuelle Leben, und zweitens macht sie das letztere in seiner Abstraktion zum Zweck des ersten, ebenfalls in seiner abstrakten und entfremdeten Form.

[...]

Die entfremdete Arbeit macht also:

3) das Gattungswesen des Menschen, sowohl die Natur als sein geistiges Gattungsvermögen, zu einem ihm fremden Wesen, zum Mittel seiner individuellen Existenz. Sie entfremdet dem Menschen seinen eignen Leib, wie die Natur außer ihm, wie sein geistiges Wesen, sein menschliches Wesen.

4) Uma consequência imediata da pessoa estar apartada [*daß... entfremdet ist*] do produto do seu trabalho, da sua atividade vital, da sua entidade genérica, é a apartação de uma pessoa da outra. Se o humano se contrapõe a si mesmo, então o outro humano está contraposto a ele. O que, da relação da pessoa com o seu trabalho, com o produto do seu trabalho e consigo mesma, vale da relação da pessoa com outra pessoa, como com o trabalho e com o objeto do trabalho de outra pessoa.

Em geral, a tese de que a pessoa está apartada [*entfremdet*] da sua entidade genérica quer dizer que uma pessoa está apartada [*entfremdet*] da outra, como cada um deles da entidade humana. (Marx, 2005, p. 64, tradução nossa)⁶⁵

Conclui-se desta seção que: 1) há um duplo sentido possível nas palavras em alemão. Nota-se pela coerência nos trechos em que tal tese foi considerada e aplicada. Tal duplo sentido é aproveitado em um uso crítico e irônico para criticar a categoria de *venda* (*Entfremdung*, *Entäußerung* ou até *Veräußerung*) como raiz de várias *separações* (*Entfremdung* ou *Entäußerung*, mas jamais *Veräußerung*). 2) Apesar de haver crítica ao fenômeno da *apartação* ou do *desgarramento* (de *Entfremdung* ou de *Entäußerung*), o uso dessas palavras nem sempre pode ser englobado em um único “conceito”, capaz de ser teorizado em geral. Certas *separações* são oriundas da forma de trabalho *vendido* ou da *venda* como forma de circulação dominante, raciocínio que germina no *Para a Questão Judaica* e floresce nos *MEFs*. Mas outras não. Outras são anteriores a tudo isso, como a *apartação religiosa*. Algumas são meramente fenômenos da diversidade de interesses na sociedade civil. Outras são apenas referentes à *apartação* que ocorre entre Estado e sociedade, e por aí vai. Não dá para tomar como uma *teoria geral* porque não se propõe a explicar um fenômeno geral cujas

⁶⁵ 4) Eine unmittelbare Konsequenz davon, daß der Mensch dem Produkt seiner Arbeit, seiner Lebenstätigkeit, seinem Gattungswesen entfremdet ist, ist die Entfremdung des Menschen von dem Menschen. Wenn der Mensch sich selbst gegenübersteht, so steht ihm der andre Mensch gegenüber. Was von dem Verhältnis des Menschen zu seiner Arbeit, zum Produkt seiner Arbeit und zu sich selbst, das gilt von dem Verhältnis des Menschen zum andren Menschen, wie zu der Arbeit und dem Gegenstand der Arbeit des andren Menschen. Überhaupt, der Satz, daß der Mensch seinem Gattungswesen entfremdet ist, heißt, daß ein Mensch dem andern, wie jeder von ihnen dem menschlichen Wesen entfremdet ist.

expressões são suas espécies, seus particulares, como faz, por exemplo, Lukács na *Grande Ontologia* (2018).

Infelizmente, a ironia de Marx não pôde ser traduzida sem sérios danos à mensagem que se proporia (a ligação entre *alienação-venda* e *alienação-separação*), pois, se mantivermos os mesmos significantes, o texto se torna confuso devido ao fato da palavra que tornaria isso possível (*alienação*) não expressar bem os devidos *sentidos comuns* (*separação* e *venda*). O máximo que é possível, se prezarmos pela continuidade desses sentidos para que a apreensão conceitual correta se efetive, é usar dois sinônimos de *separação* e dois de *venda*. Assim, o restante do texto é suficiente para elucidar a ligação entre ambos. Em prol da tenacidade conceitual, opta-se por sacrificar parte do recurso estilístico (a ironia). O contrário, por mais que a intenção não seja essa, mostrou-se na verdade um sacrifício de ambos, não reproduz nem a tenacidade conceitual porque foge dos sentidos comuns e tampouco a ironia, portanto, uma alternativa objetivamente inferior.

Para além do já dito, constata-se um outro fato importante. Marx não faz uma ligação forte entre as palavras e os conceitos. Ou seja, não dá pra ver uma palavra e ter certeza que um conceito específico foi usado só ao vê-la. *Entfremdung* e *Entäußerung* são usadas para indicar tanto *alienação-venda* como *alienação-separação*. Enquanto *alienação-separação* não é sequer unificada em uma única palavra, *alienação-venda* é ainda menos reservada em termos de palavras, pode ser referida por *Entfremdung*, *Entäußerung* e também *Veräußerung*.

9. Seção final: o resumo da ópera

Sintetiza-se aqui a linha de raciocínio, sem que se explicitem as evidências, pois essas já foram apontadas no decorrer do texto.

A argumentação se inicia pela explicação de como se realiza o entendimento dos chamados “textos conceituais” e conseqüentemente de como se deve traduzi-los. Os conceitos são bem entendidos através do *sentido comum* das palavras que os abrigam. Se *liberdade* é algo em um autor e outra coisa

distinta em outro, é porque *liberdade* quer dizer algo antes de virar um conceito em quem quer que seja. Tal *sentido comum* é uma mediação necessária e é ela o alvo da tradução, para assim poder reproduzir o caminho da compreensão tal qual quis o autor original. O inverso, a tentativa de traduzir diretamente o conceito, ignora a mediação necessária. O traduzido termina por sobrescrever e assim distorcer o escrito, o segundo autor rouba um espaço do primeiro. Dito isso, deve-se analisar primeiro o que *Entfremdung* e *Entäußerung* podem dizer (os *sentidos comuns*) para assim entender o que Marx quis dizer mediante tais palavras (os supostos conceitos).

Pela análise de *Entfremdung*, conclui-se que a palavra em alemão não é tão precisa, pois significa *tornar fremd* [um adjetivo], esse que por sua vez pode ser *alheio* ou *estranho*. A opção por *estranhamento* foi descartada mesmo se *fremd* for *estranho*, pois *estranhamento* não significa *tornar estranho*, mas *se sentir estranho perante algo*, bem distinto. Ademais, os usos da palavra em alemão, junto aos trechos, favoreceram até aí a tese de *fremd-alheio*, portanto, de *Entfremdung* como *alienação*. Mas até aí.

Pela análise de *Entäußerung*, constatou-se que a interpretação de tal palavra como *exteriorização* ou semelhante não condiz com a realidade. O argumento da semelhança entre *Äußerung* (supostamente *exteriorização*) e *Entäußerung* eleva uma coincidência nominal ao nível de similaridade significacional. Um erro. O sentido de *Entäußerung* é totalmente distinto do de *exteriorização* e cia., é o de *cessão* ou *entrega*, isto é, o de passar algo para outrem de modo voluntário e de sorte que, ao fazê-lo, haja uma ausência no sujeito do objeto passado (cedido, entregue) e conseqüentemente uma distância entre ambos, o que possibilita inclusive a sinonímia com *Veräußerung*, *alienação em termos jurídicos*. *Alienação* também casa melhor até aí. Mas até aí. Sendo, inclusive, sinônimo de *Entfremdung*. Sobre o sentido de ambas como *alienação de bens, em termos jurídicos*, esse possui um caráter metonímico, *sinedóquico*, e mediante esse o verdadeiro sentido seria apenas um de seus vários tipos possíveis: o de *venda*. Ou seja, por vezes a *alienação seria apenas venda*. Nada mais.

A palavra alienação em português, apesar do já dito, não é comumente usada para os *sentidos comuns* referidos por Marx, os de *separação*, de *venda*. Constatase então que, mesmo superior às alternativas *estranhamento* e *exteriorização* e cia., *alienação* é uma péssima escolha. Torna trechos obtusos e leva a ultraconceitualizações (“faz sentido porque alienação é um conceito que na verdade quer dizer...”). Essas compõem os motivos do ocultamento de quando por vezes “alienação” era apenas “separação”, sem significado conceitual e sem necessidade de uma suposta *teoria da alienação de Marx*. A originalidade de fato de Marx foi assim trocada por outra inexistente.

Para evitar essas confusões, optou-se por traduzir, quando *separação*, *Entfremdung* para *apartação* e *Entäußerung* para *desgarramento*, e, quando *venda*, *Entfremdung* para *comerciação* e *Entäußerung* para *mercanciação*. Apenas com respeito a tais *sentidos comuns* (não viáveis em alienação) se torna possível a compreensão correta.

Dito isso, constatou-se 1) pelos próprios *MEFs*, 2) pelo uso metonímico de “alienação” como *venda* e 3) pelo procedimento comum de Marx ao criticar um conceito que: o conceito de *trabalho alienado* (sic) nada mais é do que o de *trabalho vendido*, um conceito não “de Marx”, mas da Economia Política e que Marx estaria apenas refazendo de maneira realista. Marx não criou um conceito novo, apenas mostrou como o trabalho comercializado se configura na realidade. Daí viria o uso irônico dos termos que podem significar tanto *venda* quanto *separação* (*Entfremdung* e *Entäußerung*). Pelo uso da ambiguidade, Marx faz a ligação entre o fato da venda como forma dominante de apropriação, de circulação e como presente no próprio processo de trabalho e o fato de certas separações que há entre o trabalhador e seu produto, entre a pessoa e sua entidade genérica, entre a humanidade e a natureza, etc. Tal raciocínio já germinava no *Para a Questão Judaica*, mas ganhou notoriedade e maior robustez nos *MEFs*.

Por fim, ao se retirar os falsos sentidos comuns das palavras em questão e trocá-los pelos verdadeiros; ao se compreender a metonímia de “alienação” como referente por vezes apenas à *venda*; ao se jogar fora as

ultraconceitualizações que não passavam de subtraduções e ao se perceber a ironia no uso da ambiguidade das palavras analisadas, conclui-se que: *não há um “conceito de alienação”, e sim, mediante o uso irônico da ambivalência das palavras Entfremdung e Entäußerung, uma análise crítica, em nível filosófico, do fenômeno da venda, em uma configuração historicamente delimitada enquanto fonte de certas separações. É isso o que há em Marx. Em Marx.*⁶⁶

⁶⁶ É conhecido que o par conceitual *Entfremdung-Entäußerung* (talvez até a tríade, se contarmos com *Außerung* também) existe em Hegel e que há certa referência a ele no uso do par em Marx. Contudo, se a escolha marxiana de palavras fazia referência a Hegel, a análise dos autores aponta para uma não-referência no que toca aos conceitos. Marx ali usa um vocabulário similar ao hegeliano, não uma constelação conceitual similar à hegeliana. Inclusive porque ambas as palavras possuem sentidos diversos nos autores em questão.

Se em Marx ambas são sinônimas, usadas para evocar os mesmos sentidos comuns (venda e separação), em Hegel as nuances entre ambas de significados, de sentidos comuns, são utilizadas também conceitualmente. *Entfremdung* e *Entäußerung* são gêmeas idênticas e como tais possuem diferenças sutis. Marx as usou geralmente enquanto iguais, Hegel o fez enquanto ligeiramente diferentes.

Entfremdung é uma palavra que leva a atenção do leitor/ouvinte ao objeto. Após uma *Entfremdung*, o objeto se torna *fremd*, é ele o protagonista da mensagem. *Entäußerung*, por sua vez, puxa a atenção para o sujeito. Se Carlos realiza uma *Entäußerung*, sabe-se agora que Carlos possui um vazio, uma ausência do que foi “entäußerado”, o estado do objeto não é relevante, pois é Carlos, o sujeito, que é o protagonista da mensagem, não o objeto. Além disso, em *Entäußerung* há um tom voluntário que inexistente em *Entfremdung*. Não que *Entfremdung* possua um tom compulsório, mas o caráter volitivo não é necessário, e sim contingente. Se considerarmos que a palavra é a junção do significante com o significado, podemos até dizer que, apesar dos mesmos nomes, dos mesmos significantes, em ambos os autores não há sequer as mesmas palavras.

Por isso se em Marx os sentidos comuns tanto de *Entfremdung* como de *Entäußerung* são os de criar algum tipo de separação entre as entidades referidas – muitas vezes ambas as palavras separadas apenas por vírgula –, em Hegel o caráter de tornar algo *fremd* é enfatizado no uso de *Entfremdung* e o caráter volitivo de *Entäußerung* também ganha importância. Na literatura acadêmica italiana há quem já tenha chegado a conclusão similar. A escolha ficou, em português, como “renúncia”. Observemos o que diz Marcella D’Abbiero, traduzido por Vielmi Fortes: “em Hegel, ao contrário [do que há em Marx], as duas noções se apresentam como diversas, por isso não seria possível falar unitariamente de uma ‘Entäusserung-Entfremdung’, como fazem muitos intérpretes. Não apenas, mas além desta diferença entre as duas noções, a ideia da ‘Entäusserung’ se configura em Hegel de tal forma que afloram nela também aspectos positivos: Entäusserung significa, de fato, não ‘estranhamento’, mas ‘renúncia’, e tal renúncia permite, em certas condições, a realização de uma situação melhor” (D’Abbiero, 2015, p. 25).

Inclusive, esse é talvez um dos problemas da tradução mais ortodoxa de *Entäußerung* em Hegel, cunhada por Paulo Meneses. Meneses traduziu ora para extrusão (a maior parte das vezes) e ora para alienação (no contexto da *Filosofia do Direito*, quando ela significa alienação em termos jurídicos, de bens, *Veräußerung*). Já foi visto aqui que as traduções oriundas da similaridade com *exteriorização* não possuem aval linguístico. No caso de Meneses, há um argumento além, que apela para o sentido conceitual. A “‘Entäusserung’ requer força, ou que ela mesma é força” (Meneses, 2001, p. 37). Ele usa o critério de “caracterizar a Entäusserung pela força que implica” (p. 36). Ora, tradução conceitual não deve ser feita diretamente pelo sentido conceitual, mas pelo sentido comum, esse que serve de mediação escolhida

pelo autor até o conceito. Não se trata aqui de negar a apreensão categorial feita por Meneses (que na verdade é muito convincente e bem sustentada em referências diretas e indiretas à obra hegeliana que ele mesmo traduziu). Trata-se de afirmar que ele escolheu uma palavra que possui um sentido comum radicalmente contrário ao feito por Hegel e que isso possui implicações no entendimento feito mediante tal tradução. Os sentidos usados por Hegel são os de *cessão* ou o de *entrega*, onde há perda do objeto, tom voluntário e até sinonímia com a alienação em termos jurídicos (*Veräußerung*). É muito diferente dizer que em uma *cessão*, *entrega* ou *renúncia*, “em vez de um esvaziamento, empobrecimento, temos uma força que faz o que é puramente interior” (ibidem, p. 36), de dizer que isso tudo ocorre em uma *extrusão*. Assim como dizer que o “‘Fazer-se coisa’, ‘Suportar o ser’, ‘Pôr-se como substância efetiva’, ‘Criar seu mundo’” (p. 37) se dá mediante *cessão* ou *entrega* é diferente de dizer que isso se dá mediante uma *extrusão*. Na ânsia de tornar a apreensão do conceito mais imediata ou mais nítida, fizeram-no apenas mais distante do dito por Hegel. Ironicamente, tais traduções pecam ao ignorar o papel *fundamental* da mediação.

Além disso, Meneses comete na tradução para *extrusão* um erro técnico patente: ele passa também os complementos verbais do alemão, onde eles estão certos, para o verbo traduzido em português, onde eles não têm o mesmo sentido. O verbo *entäußern* pede em sua conjugação um pronome reflexivo e o uso de um indicador de posse entre o verbo e o objeto (pode ser tanto o caso genitivo quanto a preposição de posse *von*). Assim, Meneses traduz para “se extrusa de sua personalidade” (p. 37), o que, ainda que *Entäußerung* fosse *extrusão*, deveria ser “extrusa sua personalidade”, sem o pronome reflexivo (o pronome *se*) e sem a indicação de posse (a preposição *de*). Afinal, o verbo “extrusar” em português não os pede como complementos, ao contrário de *entäußern* em alemão. Seria o equivalente a traduzir o “*look at me*” para “olhe em mim” ao invés de “olhe para mim” com o argumento de que “*at*” pode ser corretamente traduzido para “em”. De fato o é, mas aí ele é só um complemento verbal, não cabendo, portanto, tradução autônoma dele.

A sugestão aqui é a de traduzir em Hegel (em Hegel) *Entfremdung* para *afastamento*. *Alienação* não é das piores escolhas aqui, o contexto é bem mais gentil para desfazer certos equívocos, mas definitivamente não é a melhor, nem mesmo apelando para certa literalidade (*alheamento* cairia melhor, com esse critério). Para *Entäußerung*, por sua vez, sugere-se *cessão* ou *entrega*, pois ambas cumprem as duas funções, de *renúncia* e de *alienação em termos jurídicos*, tal qual Hegel queria, tornando a mensagem traduzida mais fiel à original.

Sobre a possível acusação das traduções diferentes em Hegel e em Marx apagarem certa referência, mesmo que nominal, não há bem uma defesa, mas uma justificativa: não é possível manter os mesmos nomes sem que se violem os sentidos comuns escolhidos pelos autores. E seria inútil manter referência com conceitos errados. Usando de um exagero, seria como traduzir em ambos os autores *Entfremdung* para *pudding de leite* e *Entäußerung* para *torta de morango*. Evidente que a tradução é horrível, mesmo que os termos se repitam, pois só faz sentido manter a referência se antes se mantiver a possibilidade de bom entendimento dos *sentidos comuns*, o que aqui não foi possível. Esse pedaço da mensagem é o preço que o tradutor paga pela tradução feita. Ainda que caro, vale a pena que seja pago.

Referências (dicionários)

ANTONINI, Annibale. *Nuovo Dizionario Italiano-Tedesco E Tedesco-Italiano*. Lipsia: Nella Libreria Di Caspar Fritsch. 1793. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb10587925?q=entau%C3%9Ferung&page=1064,1065>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

BAYER, Jakob. *Jacobi Bayer Paedagogus Latinus Germanae Juventutis Sive Lexicon Germanico-Latinum Et Latino-Germanicum*. Mainz: Alef. 1786. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11762414?q=entau%C3%9Ferung&page=266,267>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

BRUGGER, Joseph Dominik Carl. *Fremdwörterbuch für das deutsche Volk mit 14000 Fremdwörtern*. Heidelberg: Buchhandlung von Bangel und Schmitt. 1855. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb10583490?q=ent%C3%A4u%C3%9Ferung&page=20,21>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

CASTELLI, Nicolò di. *La Fontana Della Crusca ovvero: il Dizionario Italiano-Tedesco e Tedesco-Italiano già del Signor Nic. Di Castelli: ora dagl' infiniti errori delle precedenti Edizioni con singolar fatica purgato, accresciuto, accentuato e migliorato per tutto secondo L'ortografia moderna cioè secondo la nuova Edizione del Vocabolario della Crusca da Carlo Coutelle*. Leipzig: in der Weidmannschen Buchhandlung. 1759. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb10523944?q=entau%C3%9Ferung&page=1206,1207>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

ENTÄUSZERN. In: DEUTSCHES WÖRTERBUCH VON JACOB GRIMM UND WILHELM GRIMM. Disponível em: <<https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB&lemid=E04539>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

ENTÄÜßERN. In: DWDS. Disponível em: <<https://www.dwds.de/wb/ent%C3%A4u%C3%9Fern#d-l-1>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

ENTÄÜßERUNG. In: DUDEN. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Entaesuszerung>> [Acesso em: 17 de abril de 2025a].

ENTÄÜßERUNG. In: DWDS. Disponível em: <<https://www.dwds.de/wb/Ent%C3%A4u%C3%9Ferung>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025b].

ENTÄÜßERUNG. In: GOETHE-WÖRTERBUCH. Disponível em: <<https://woerterbuchnetz.de/?sigle=GWB&lemid=E02068>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025c].

ENTÄÜSSERUNG. In: WIRTSCHAFTSLEXIKON. 2015. Disponível em: <<http://www.wirtschaftslexikon.co/d/entaeusserung/entaeusserung.htm>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

ENTÄUSZERUNG. In: DEUTSCHES WÖRTERBUCH VON JACOB GRIMM UND WILHELM GRIMM. Disponível em: <<https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB&lemid=E04540>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

ENTFREMDEN. In: Deutsches Rechtswörterbuch - DRW. Disponível em: <<https://drw.hadw-bw.de/drw-cgi/zeige?index=lemmata&term=entfremden>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025a].

ENTFREMDEN. In: DEUTSCHES WÖRTERBUCH VON JACOB GRIMM UND WILHELM GRIMM. Disponível em: <<https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB&lemid=E04773>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025b].

ENTFREMDEN. In: DWDS. 2025. Disponível em: <<https://www.dwds.de/wb/entfremden>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025c].

ENTFREMDEN. In: DUDEN. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/entfremden>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025]d.

ENTFREMDEUNG, ENTFREMDEUNGERLEBNIS. In: DORSCH Lexicon der Psychologie. Disponível em: <<https://dorsch.hogrefe.com/stichwort/entfremdung-entfremdungserlebnis>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

ESTRANHAMENTO. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/PeyL/estranhar/>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

FICK, Johann Christian. *A compleat dictionary English-German and German-English. I, The English-German Part*. Erlangen: Palm. 1823. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb10582104?q=entau%C3%9Ferung&page=260,261>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

HERMANN, Paul. *Deutsches Wörterbuch*. Halle a.S: Niemeyer. 1897. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11814262?q=entau&page=130,131>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

HOFFMANN, Peter Friedrich Ludwig. *Gedrängtes, aber vollständiges Fremdwörterbuch zur Erklärung und Verdeutschung aller in der Schrift- und Umgangssprache, in den Zeitungen, sowie in den verschiedensten bürgerlichen und geschäftlichen Verhältnissen vorkommenden fremden Wörter und Redensarten*. Leipzig: Brandstetter. 1867. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11000638?q=ent%C3%A4u%C3%9Ferung&page=32,33>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

LEXER, Matthias von. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. Leipzig: Hirzel. 1885. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11023335?q=ent%C3%A4u%C3%9Fern&page=18,19>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

LÜBBEN, August. *Mittelniederdeutsches Handwörterbuch*. Leipzig: Soltau. 1888. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11023642?q=ent%C3%A4u%C3%9Fern&page=18,19>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

MÜHLMANN, Gustav Eduard. *Handwörterbuch der lateinischen Sprache. 2, Deutsch-Lateinisch*. Würzburg: Stahel. 1845. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb10586218?q=entau%C3%9Ferung&page=354,355>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

SARRAZIN, Otto. *Verdeutschungs-Wörterbuch*. Berlin: Verlag von Ernst & Korn, (Wilhelm Ernst). 1886. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11023546?q=ent%C3%A4u%C3%9Ferung&page=14,15>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

SCHADE, Oskar. *Altdeutsches Wörterbuch. I, [A - O]*. Halle a. S.: Verl. der Buchhandlung des Waisenhauses. 1882. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11023549?q=entau&page=166,167>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

SECKENDORF-ABERDAR, Theresius von. *Wörterbuch der deutschen und spanischen Sprache*. Nürnberg: Campe. 1831. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11050862?q=entau%C3%9Ferung&page=226,227>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

S.I. *Handbuch der Fremdwörter in der deutschen Schrift- und Umgangssprache*. Leipzig: Arnold. 1865. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11763120?q=ent%C3%A4u%C3%9Ferung&page=42,43>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

S.I. *Realencyklopädie für protestantische Theologie und Kirche. 5, Dositheos - Felddiakonie*. Leipzig: Hinrichs. 1898. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11856256?q=ent%C3%A4u%C3%9Ferung&page=402,403>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

VIËTOR, Wilhelm. *Deutsches Aussprachewörterbuch*. Leipzig: Reisland. 1915. Disponível em <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11126922?q=ent%C3%A4u%C3%9Ferung&page=26,27>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

Referências (outras)

CHASIN, José. *Superação do Liberalismo—transcrição literal das aulas ministradas durante o curso de pós-graduação em Filosofia Política, promovido pelo Dep. De Filosofia e História da Universidade Federal de Alagoas, de 25/01 a 06/02 de 1988*. Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/chasin/1988/02/liberalismo.pdf>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].

D'ABBIERO, Marcella. A “alienação” em Hegel: usos e significados de Entäußerung, Entfremdung, Veräußerung. Tradução de Ronaldo Vielmi Fortes. *Verinotio – revista on-line de filosofia e ciências humanas*, n. 19, p.19-31, abr./2015.

DA COSTA, Mônica Hallak. A diferença entre as categorias de alienação e estranhamento nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos de Karl Marx de 1844. *Verinotio – revista on-line de filosofia e ciências humanas*, n. 3, p.1-7, out./2005.

DOS SANTOS, Eduardo; XAVIER, Donizete José. A Descida do Deus trindade – A Kénosis da trindade. *Revista de Cultura Teológica*, v. 16, n. 62, p.111-123, jan./mar. 2008.

LESSA, Sérgio. Resenha de: LUKÁCS, György. Prolegômenos para uma ontologia do ser social. São Paulo: Boitempo, 2010, 414p. *Critica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.32, 2011, p.175-177.

LUKÁCS, Georg. *Para Uma Ontologia do Ser Social vol 14*. Tradução de Sérgio Lessa. Maceió: Coletivo Veredas. 2018.

MARX, Karl. *Cadernos de Paris e Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Tradução de José Paulo Netto e Maria Antônia Pacheco. São Paulo: Expressão Popular. 2015.

MARX, Karl. *Das Kapital - Der Akkumulationsprozeß des Kapitals - 22. Das Allgemeine Gesetz der kapitalistischen Akkumulation*. Disponível em <https://web.archive.org/web/20241221230702/http://mlwerke.de/me/me23/me23_605.htm>. [Acesso em: 16 de abril de 2025a].

MARX, Karl. *Das Kapital - Ware und Geld - 3. Das Geld und die Warenzirkulation*. Disponível em <https://web.archive.org/web/20241221220753/http://www.mlwerke.de/me/me23/me23_109.htm>. [Acesso em: 16 de abril de 2025c].

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial. 2004.

MARX, Karl. *Misère de la philosophie (I. I)*. Disponível em <<https://www.marxists.org/francais/marx/works/1847/06/kml18470615d.htm>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025d].

MARX, Karl. *Miséria da Filosofia: resposta ao senhor Proudhon - § I. — Oposição do Valor de Utilidade e do Valor de Troca*. Tradução de Miguel Macedo. Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1847/miseria/cap01.htm>>. [Acesso em: 17 abr. 2025e].

MARX, Karl. *Ökonomisch-Philosophische Manuskripte*. Hamburg: Felix Meiner Verlag. 2005.

MARX, Karl. *On The Jewish Question*. Tradução de desconhecido. Disponível em <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1844/jewish-question/index.htm>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025f].

MARX, Karl. *Para A Questão Judaica*. Tradução de José Barata-Moura. São Paulo: Expressão Popular. 2009.

MARX, Karl. *Sobre A Questão Judaica*. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial. 2010.

MARX, Karl. *Thesen über Feuerbach (Fassung 1888)*. Disponível em <https://web.archive.org/web/20241204124124/http://www.mlwerke.de/me/me03/me03_533.htm>. [Acesso em: 17 de abril de 2025g].

MARX, Karl. *Zur Judenfrage*. Disponível em <https://web.archive.org/web/20241205201632/http://www.mlwerke.de/me/me01/me01_347.htm>. [Acesso em: 16 de abril de 2025h].

MARX, Karl. *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie. Kritik des Hegelschen Staatsrechts*. Disponível em <https://web.archive.org/web/20241204014035/http://www.mlwerke.de/me/me01/me01_203.htm>. [Acesso em: 16 de abril de 2025i].

MARX, Karl. *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie. Kritik des Hegelschen Rechtsphilosophie. Einleitung*. Disponível em <https://web.archive.org/web/20241204120909/http://www.mlwerke.de/me/me01/me01_378.htm>. [Acesso em: 17 de abril de 2025j].

MARX, Karl. *Zur Kritik der Politischen-Ökonomie - Erstes Kapitel*. Disponível em <https://web.archive.org/web/20241216182524/http://www.mlwerke.de/me/me13/me13_015.htm>. [Acesso em: 16 de abril de 2025k].

MARX, Karl. *Zur Kritik der Politischen-Ökonomie - Zweites Kapitel*. Disponível em <https://web.archive.org/web/20231001044119/http://www.mlwerke.de/me/me13/me13_049.htm>. [Acesso em: 16 de abril de 2025m].

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Die Heilige Familie - IV Kapitel*. Disponível em <https://web.archive.org/web/20240520144751/http://www.mlwerke.de/me/me02/me02_019.htm>. [Acesso: em 16 de abril de 2025].

MENESES, Paulo. Entfremdung e Entäusserung. *Ágora Filosófica*, n° 1, p.27-42 jan-jun/2001

POLI, Maria Cristina. “Alienação” na psicanálise: a pré-história de um conceito. *Psychê*, n° 16, p. 133-152, jul-dez/2005.

TOTH, V. *Parental-Alienation-Syndrom oder Wie Kinder zu Opfern ihrer Eltern werden können - Law & Beyond*. Disponível em: <<https://www.lawandbeyond.at/parental-alienation-syndrom-oder-wie-kinder-zu-opfern-ihrer-eltern-werden-koennen/>>. [Acesso em: 17 de abril de 2025].